

PROPRIEDADE — V.º e HERD.º DE JOSÉ BARÃO

OFICINAS: EMPRESA LITOGRAFICA DO SUL, S. A. R. L. — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — TELEF. 254

LISBOA — TELEF. 361839

FARO — TELEF. 22322

AVULSO 2\$50

DE ALVOR A WASHINGTON — É LISBOA A DECIDIR

SERIA de maior interesse para a Nação, que na saída deste número do Jornal do Algarve, o impasse para o reconhecimento do governo de Luanda, já tivesse arrancado pela via de mais valia, no interesse das populações.

No momento que corre, os cidadãos portugueses têm ideias divergentes, como diversas são as correntes que, segundo os seus interesses, empurram o caudal humano por canais negativos ao interesse nacional.

Nos cinco séculos que passaram, nenhum freio travou a ambição, o despotismo com que uma classe dominante subjuguou povos indefesos, encimando a cruz e brandindo punhais. Essa classe dominante, hoje

escorregada, deixou os povos africanos no maior abandono cultural e numa subalimentação. Ela é a única responsável pelo estado caótico desses povos e por haver arrastado neste fim vergonhoso da sua exploração, milhares de homens, mulheres, crianças, embaladas num eldorado enganador. Será para estes últimos, afinal, que o reconhecimento do Governo Popular de Angola é urgente. Foram estes, com os seus irmãos de cor negra, que bateram os alicerces da grande pátria libertadora.

Desde 1415, a África foi a aventura, a desonra, o infortúnio, a vergonha, a morte, a pobreza das classes populares. Foi por África que se perdeu a nacionalidade, em 1580, depois do desvalio de 1575 em Alcácer-Quibir e do abandono da Pátria por aqueles que iriam usufruir dessas conquistas. Foi por África que nos finais do último século as classes populares cobriram os símbolos da Pátria com crepes de luto, pela desonra de que a fidalguia não se envergonhou. E pelos privilégios de uma classe dominante que a juventude de Portugal vai morrer na África, nos anos 60/70. E pela negação aos verdadeiros direitos da África, que se entrava o reconhecimento dum governo chefiado pelo dr. Agostinho Neto.

Quinhentos anos foi o tempo em que um império entrou a construção de um continente. Daqui por 10 ou 20 anos, duas grandes nações ombrearão ao lado de outras grandes nações. Elas entrarão nas vias do grande desenvolvimento e é urgente construir uma ponte comum que ligue Portugal a esses países de fraternidade linguística. Daqui por poucos anos, os velhos colonos desaparecerão. Uma nova geração fará o balanço das perdas e dos ganhos: o sacrifício

dos retornados terá de ser compreendido por eles mesmos. Se se consideram portugueses, aqui é a continuidade da Pátria que se liberta, libertando. Se querem continuar angolanos, metam-se na igualha dos seus irmãos que lutam e morrem por uma terra de angolanos.

Dizia que há várias correntes que empurram o caudal humano

por Teodomiro Neto

para estuário que não «banha» Lisboa. Como nos velhos tempos: os interesses da nação corriam de carroça para a capital de Castela, com um embaixador como Cristóvão de Moura, o «comprador de consciências». Nos nossos dias, será que voa para Washington, com poiso por Bona?



Atractiva imagem do Arade no seu «passeio» através de Silves

FACTOS E IMAGENS

SILVES E A «DISTANCIADA» CRUZ DE PORTUGAL

CORRIA animado, quando lá chegámos na manhã de sábado, o mercado de Silves, terra que de há anos não víamos a preceito.

Assistimos, curioso, à movimentação gerada pelas compras e vendas, que saía do edifício e se espalhava nas ruas vizinhas; olhámos às idas e vindas dos autocarros de passageiros que ali próximo têm locais de estacionamento e aproveitámos para ver o que havia nas águas turvas do Arade, que circunda toda aquela área, nada mais notando, aliás, que o sossego de alguma pequena embarcação comodamente atracada.

Comércio, casas abertas (algumas fechadas — era sábado), perguntas, respostas, e numa destas ouvimos não ser já a cortiça a prin-

cipal actividade da região, onde os frutos terão agora a primazia, no cultivo, no trato, na colheita e na exportação, já que a industrialização ainda por aqui não alcança o relevo que a quantidade merecia.

«Baixa» normal de uma cidade (Conclui na 5.ª página)

OS MALEFÍCIOS DA DROGA

MUITO se tem falado de droga, de há tempos a esta parte. São os pais, alarmados com o cheiro que tresanda o seu menino e que não é o cheirinho a peiga mal lavada ou à caspa centenária de que o referido rapazinho é pródigo. São os professores, receosos de que os pais dos alunos os acusem de cúmplices e assim levem a comissão de moradores a considerá-los impróprios para habitar as três assolhadas que habitam e ficam, pois, à disposição do primeiro progressista que as ocupe. São os moralistas, impantes de o 25 ter trazido o vício para este país, até então puro como a casta Susana. Enfim, são os governantes, receosos de que a oposição consiga convencer os eleitores de que eles estão feitos...

Mas... que vem a ser droga? Legalmente, a definição parece ser esta: droga é toda a substância cuja ingestão (por qualquer via, normalmente oral) é proibida e punida com sanções criminais. E porque é que algumas substâncias são declaradas «drogas» e outras não? Pelo perigo que representam para a saúde. Todos sabem que o cigarro gera cancro no pulmão. Que eu saiba, não existe lei nenhuma que proíba um cidadão ou cidadã de fumar os maços de cigarros que lhe apeteça. Todos sabem que o alcoolismo é um dos flagelos da humanidade. E no entanto, a lei apenas vagamente proíbe aos taberneiros que sirvam bebidas alcoólicas a pessoas que se mostram etilizadas, e pune com uma pena simbólica o cidadão que, na via pública, se mostrar em estado de manifesta embriaguez. Portanto, se o cidadão tiver dinheiro para ir dentro de um carro (conduzido por motorista fardado) ou se conseguir não cambalear, pode ingurgitar o vinho que bem entender, sem que o Estado revele qualquer espécie de preocupação pelo fgado do dito cidadão ou cidadã.

E não representa perigo para a saúde a ingestão de café? Todos sabem que o café constitui um poderoso estimulante cardíaco. Mas que eu saiba, nenhuma lei proíbe a um cardácco que tome as chévenes de café que muito bem lhe pareça e apeteça. Também me parece que, sem esforço, se pode classificar como droga todos esses comunicados providos de certa esquerda pseu-

pelo dr. Afonso de Castro Mendes do-extremista, que acho verdadeiramente alucinogéneo. E a lei não manifesta qualquer espécie de preocupação. Isto para não falar de certas loiras que andam à solta por essas ruas e são mais daninhas para a saúde dos cidadãos (principalmente os de meia-idade e casados com mulheres de idade igual) do que a marijuana. Porque será, pois, que o Estado lga tanta importância a uns e não lga nenhuma a outros?

Ora, se bem repararmos, existe uma pequena diferença e que explica o fenómeno. E que umas são rendosas para o Estado e para certos e determinados cidadãos honrados, considerados e até, por vezes, filantropos e outras, não. Assim, por exemplo, um rapazinho atrai uma pedrada a uma montra e rouba quatro rádios (que ao honrado comerciante custaram quatro contos e que ele vende por 16) e corre a empenhá-los a outro honrado e considerado comerciante (que por eles oferece um conto e picos). O rapazinho é considerado «droga» e vai para a cadeia. (E

(Conclui na 6.ª página)

Reunião em Quarteira sobre o fomento do artesanato algarvio

NUMA unidade hoteleira da zona de Quarteira, decorreu uma reunião, promovida pela Comissão Regional de Turismo em que participaram professores de trabalhos manuais das escolas preparatórias e secundárias.

Foi feita ampla e pormenorizada análise dos temas que se ligam ao artesanato, quer na sua defesa como na sua pesquisa e aproveitamento, num estímulo da criatividade das crianças e adolescentes.

Entre as conclusões deste encontro figuram a necessidade efectiva da pesquisa e da preservação da genuinidade e da autenticidade do artesanato, a tentativa de criação de pequenos museus escolares e a incentivação dos contactos entre a escola e os artesãos.

COM OS PÉS FINCADOS NA TERRA

O CUSTO de vida aumenta. Os salários estão forçadamente estabilizados. As consequências dramáticas aparecem. Para as classes produtoras, é evidente. São os operários, os camponeses, os pescadores, os empregados de balcão e os administrativos, as grandes vítimas. As vítimas principais desta precária situação. Porque os senhores das grandes indústrias sentem, naturalmente, essas dificuldades roçar-lhes a pele. Os senhores do grande comércio também não devem sofrer a sério com tais dificuldades. Só os trabalhadores sofrem o peso arfaxante que representa o aumento do custo de vida. Os trabalhadores e, em especial, as mulheres dos trabalhadores — a maior parte das vezes trabalhadoras, também.

Porque, hoje em dia, não há dona, uma só dona, de casa, que possa regressar da praça com o cabaz cheio. Cabaz cheio de artigos para alimentação, com os mesmíssimos

por A. Vicente Campinas

escudos que há ainda relativamente poucos meses, chegavam para encher dois cabazes!

É verdade que os pequenos e médios comerciantes e industriais também não têm a vida facilitada, com este estado de coisas. Não lhes (Conclui na 3.ª página)

Volta a falar-se na construção da ponte entre Vila Real de Santo António e Ayamonte

NO recente encontro efectuado na Guarda entre os ministros dos Negócios Estrangeiros português e espanhol, foi examinado, de modo especial, o projecto de construção de uma ponte internacional sobre o rio Guadiana, entre Vila Real de Santo António e Ayamonte, assunto de que se ocupará, em data próxima, a correspondente comissão técnica luso-espanhola em nova reunião que terá lugar em Lisboa.

TRIBUNA LIVRE

QUEM LUCRA COM O ESCORRAÇAR DE HOMENS VÁLIDOS?

DURANTE as décadas de 50/60, assistiu-se neste País, à fuga emigratória de mais de dois milhões de pessoas que, por não encontrarem na sua pátria ocupação condizente, se viram na necessidade de recorrer a outros países, como a França, Alemanha Ocidental, Canadá, Venezuela, América do Norte, Suíça, Holanda, Austrália, Rodésia, África do Sul, Brasil, Argentina e inclusivamente às nossas colónias. Autêntica sangria humana, seria o termo mais próprio para este desabelhar de gente válida.

Mágoa e tristeza eram partilhadas pelos que partiam e pelos que ficavam, por pertencerem a um País com oito séculos de existência, mas sem condições de albergar os que nele tinham nascido e vivido dando-lhes a justa satisfação de serem portugueses. Quantos desses homens e mulheres, iriam produzir nesses países artigos que mais tarde tínhamos de comprar?

por Manuel Faria

Havia no entanto a compensação do envio de algumas somas que, muito embora ficassem aquém do contributo que os emigrantes pres-

(Conclui na 3.ª página)

O Algarve e os automóveis

SEGUNDO apuramento há pouco efectuado, o nosso Distrito é o terceiro do País em número de automóveis por habitante (um veículo por 11,6 pessoas).

Em primeiro lugar figura Lisboa, com um automóvel por 7,2 pessoas, a seguir Leiria (11,5) e após Faro, Santarém (12,2); Porto (12,8); Viseu (21,3); Bragança (22,4); Vila Real (22,4); Viana do Castelo (26,7), etc.

PARA UM «DOSSIER» M. F. A. (1

25 DE ABRIL: DA DEMOCRACIA AO SOCIALISMO DO SOCIALISMO À DEMOCRACIA

«Ninguém é dono da Revolução, ninguém é detentor da verdade absoluta: sejamos firmes mas suaves, combativos mas tolerantes nas lutas políticas que traçarão o rumo da Revolução Socialista Portuguesa».

Gen. Costa Gomes

FALAR do Movimento das Forças Armadas (M. F. A.), é falar da revolução portuguesa. Analisar os meses que decorreram desde o 25 de Abril, é analisar o M. F. A., as suas opções, as suas posições de força na definição do poder, e as perspectivas que esse Movimento apresentou, aos portugueses, fundamentalmente «às classes trabalhadoras», no sentido de transformar a sociedade portuguesa.

14 DE MARÇO DE 1974

No dia 14 de Março de 1974, dizia Marcelo Caetano:

«As forças armadas não só não podem ter outra política que não seja a definida pelos poderes constituídos da República, como estão, e têm de estar, com essa política quando ela é a da defesa da integridade nacional» — e acrescentava — «o País está seguro que

conta com as suas forças armadas».

No dia seguinte, vinha a conhecimento público, o despacho que exonerava os generais Francisco da Costa Gomes e António Sebastião Ribeiro de Spínola.

Algo se passava nos bastidores e as forças políticas, atentas ao

por Sousa Pereira

desenrolar dos acontecimentos, já falavam «nos patriotas das forças armadas» e na «existência de um amplo movimento que abrange cen-

(Conclui na 6.ª página)

O Emissor Regional do Sul dispõe agora de duas horas por dia para ventilar problemas da Província

DO seguimento de uma reestruturação necessária e de há muito desejada, o Emissor Regional do Sul dedica agora diariamente, da segunda-feira ao sábado, duas horas (das 18 às 20) aos assuntos e problemas da nossa Província, mantendo-se a sua participação no programa da manhã da Emissora oficial.

Regozijamo-nos com a medida, pelo que representa para os rádiouvintes algarvios, esperando que a mesma venha a revestir-se de aspectos positivos no que respeita à solução de algumas das nossas mais prementes carências.

saúde é a maior riqueza O QUARTO DO DOENTE O quarto do doente deve ser convenientemente ventilado. O ar imobilizado tem, sobre os enfermos, acção ainda mais nociva do que sobre os sadios. Providencie para que, no quarto em que permanece algum doente, o ar seja renovado de modo contínuo e cauteloso.

Emagrecer em grupo com Weight Controllers

Tem peso em excesso?

Evidentemente que você pode por si só eliminar os quilos supérfluos. Não desanime.

E muito mais fácil se você se filiar no clube «EMAGRECER EM GRUPO».

Aí você conhecerá pessoas, homens e mulheres, que têm o mesmo desejo. Aí será recebido por uma monitora que passou pelos mesmos tormentos. Sendo gorda anteriormente ela tornou-se e ficou esbelta pelo mesmo método que vos dará nova silhueta, aquela que deveria ser a vossa. Sem privações alimentares, sem medicamentos, sem ginástica... modificando simplesmente os vossos hábitos alimentares.

Venha conhecer-nos gratuitamente

Weight Controllers

convida-vos a descobrir a sua técnica de terapia em grupo assistindo gratuitamente e sem compromisso à reunião de informação.

na **CRUZ VERMELHA, Sala do Teatro-Faro** em 26 de Fevereiro, às 21 horas

Você verá, ouvirá e aprenderá muitas coisas úteis!!!

Para mais ampla informação escreva para: Weight Controllers - Caixa Postal 24 - Almansil.



Comissões de Recenseamento Eleitoral

O presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Faro nomeou as Comissões de Recenseamento Eleitoral para as várias freguesias do concelho. A de São Pedro é constituída pelos srs. Pedro António Ruivo presidente, Eduardo António Mendonça Salinha e Teodomiro Cabrita Neto, enquanto da Comissão da Sé fazem parte os srs. Eduardo Sanchez Ramirez, presidente, João Francisco dos Santos e Auliano José Gema Ramos.

Para a Comissão de Recenseamento Eleitoral da freguesia de Vila Real de Santo António, foram nomeados como presidente o sr. António Santos Reis e como vogais os srs. Octávio Marcelino Horta Pereira, Manuel da Conceição Rosa, Gervásio Pereira Barão e Filipe da Silva Nobre.

A Comissão de Recenseamento da freguesia de Vila Nova de Cacela, tem como presidente o sr. Domingos Corvo Rodrigues e como vogais os srs. Eduardo da Silva Pereira, Henrique António de Brito Pereira, António Serafim Botelho e Fernando Pereira Bárbara.

Homenagem a um funcionário da Câmara Municipal de Faro

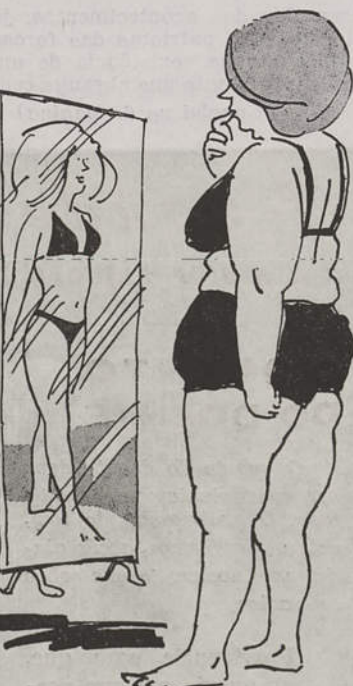
Por haver atingido 70 anos de idade, passou à situação de aposentado o sr. Eduardo Nascimento, que durante 33 anos foi dedicado funcionário da Câmara Municipal de Faro, de que era ultimamente escrivão das execuções fiscais.

Testemunhando o apreço e estima que soube granjear, os seus colegas e alguns amigos prestaram-lhe significativa homenagem no decurso de um jantar em restaurante dos arredores da capital algarvia.

Aos brindes, dois colegas, Vitória Teixeira e Jorge Madeira Santos, referiram as qualidades humanas e profissionais do homenageado a quem fizeram entrega de uma artística lembrança.

Weight Controllers

Emagrecer em Grupo



Eu gostaria de ser como me vejo

ECOS

Casamento

Na igreja de S. Pedro, em Santa Maria (Açores), realizou-se o casamento da sr.ª D. Laura Alice de Oliveira Rogenes Peres, filha da sr.ª D. Fernanda Maria Tavares de Oliveira e do nosso assinante sr. Fernando Rogenes Peres, com o sr. José Dinis dos Reis Resendes, filho da sr.ª D. Maria Tavares dos Reis e do sr. Francisco Cabral Resendes.

Gente nova

Na Maternidade Alfredo da Costa, em Lisboa, deu à luz duas crianças, uma do sexo masculino e outra do sexo feminino, a sr.ª D. Maria de Fátima de Sousa Romeiras Lourenço Várzea Tavares, regente agrícola, esposa do sr. eng. Afonso Várzea Tavares, funcionário da E. N. I. — Electricidade Naval e Industrial, S. A. R. L., residentes em Lisboa.

Os recém-nascidos, que vão receber os nomes de Luís Ricardo e Ana Cláudia, são netos maternos da sr.ª D. Maria de Sousa Eusébio Romeiras Lourenço e do sr. dr. João Lourenço, notário, em Palmeira e paternos da sr.ª D. Matilde Garcia Várzea Tavares e do sr. Elias Tavares, residentes em Aveiras de Baixo, Azambuja.

Farmácias

DE SERVIÇO

Em **ALBUFEIRA**, hoje e amanhã, a Farmácia Alves de Sousa; e até quinta-feira, a Farmácia Piedade.

Em **FARO**, hoje, a Farmácia Almeida; amanhã, Montepio; domingo, Higiene; segunda-feira, Graça Mira; terça, Pereira Gago; quarta, Pontes Sequeira e quinta-feira, a Farmácia Baptista.

Em **LAGOS**, hoje, a Farmácia Silva; amanhã, Neves; domingo, Ribeiro Lopes; segunda-feira, Lacobrigense; terça, Silva, quarta, Neves e quinta-feira, Ribeiro Lopes.

Em **LOULE**, hoje, a Farmácia Pinto; amanhã, Avenida; domingo, Madeira; segunda-feira, Confiança; terça, Pinheiro; quarta, Pinto e quinta-feira, Avenida.

Em **OLHAO**, hoje, a Farmácia Olhanense; amanhã, Ferro; domingo, Rocha; segunda-feira, Pacheco; terça, Progresso; quarta, Olhanense e quinta-feira, Ferro.

Em **PORTIMÃO**, hoje, a Farmácia Rosa Nunes; amanhã, Dias; domingo, Central; segunda-feira, Oliveira Furtado; terça, Moderna; quarta, Carvalho e quinta-feira, Rosa Nunes.

Em **TAVIRA**, hoje, a Farmácia Montepio; amanhã, Aboim; domingo, Central; segunda-feira, Franco;

Demonstre o seu carinho com prendas

«CARAVELA»



Vila Real de Sto. António

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Faro

(ÁGUA E SANEAMENTO)

Anúncio

CONCURSO PARA VENDA DE VEÍCULOS INUTILIZADOS

O Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Faro, faz público que até às 15 horas do dia 8 de Março de 1976 se recebem propostas para a venda dos veículos inutilizados com as características a seguir indicadas:

Lote 1 — Veículo marca Austin, matrícula LE-17-72, — pesado, a gasóleo — auto-tanque.

Lote 2 — Veículo marca Citroen, matrícula BA-84-28, ligeiro, a gasolina — carrinha para transporte de passageiros.

Lote 3 — Veículo marca Bedford, matrícula IL-77-06 — pesado, a gasóleo — tipo especial para recolha de lixo.

As condições estão patentes na secretaria dos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Faro, onde podem ser consultadas todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

As propostas serão abertas no dia acima indicado, perante o Conselho de Administração em sua reunião, a realizar no edifício dos Paços do Concelho de Faro.

Faro, 12 de Fevereiro de 1976

O Presidente do Conselho de Administração, José João Leitão Ribeiro Arenga

AGENDA

terça, Sousa; quarta, Montepio e quinta-feira, Aboim.

Em **VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO**, hoje e amanhã, a Farmácia Carmo; e até quinta-feira, a Farmácia Carrilho.

Televisão

Algumas rubricas que poderá ver no 1.º Programa da R. T. P.:

Hoje, às 12,45 horas, saber não faz mal; 19,35, «A flecha negra»; série filmada; 19,55, concerto; 21,35, «Eleonora» série filmada.

Amanhã, às 14,30 horas, Falar de educação; 15, «Tom Brown»; 16, Eurovisão — Campeonato da Europa de Atletismo em pista coberta; 19,15, Concerto Sinfónico; 21,05, noite de cinema, «Lúcia».

Domingo, às 13,40 horas, «Heidi», série filmada; 14,55, Eurovisão — Campeonato da Europa de Atletismo, em pista coberta; 17,30, Hoje há palhaços; 18,25, TV rural; 18,55, O povo e a música; 19,20, «A folha do acer», série filmada; 21,30, Uma canção para a Europa — escolha da canção que irá representar a RTP no Concurso Eurovisão-76 em Haia.

Cinemas

Necrologia

Teófilo Fontainhas Neto

Constituiu impressionante manifestação de pesar o funeral do conhecido industrial algarvio sr. Teófilo Fontainhas Neto, falecido subitamente na sua residência em São Bartolomeu de Messines, e que saiu da igreja matriz para o cemitério daquela vila. Nele se incorporaram milhares de pessoas de todo o Algarve e doutros pontos do País.

O extinto, que contava 64 anos e era natural de São Bartolomeu de Messines, era presidente do conselho de administração dos Estabelecimentos Teófilo Fontainhas Neto (Comércio e Indústria), S. A. R. L., firma que devido ao seu dinamismo e espírito empreendedor é das mais importantes do Algarve no sector da exportação e se situa entre as primeiras cinquenta a nível nacional.

Muito novo ainda, o sr. Teófilo Fontainhas Neto inclinou-se na vida comercial e com rara tenacidade e espírito de trabalho deu autêntica projecção internacional ao sector de frutos secos, que conseguiu impor como dos mais válidos da Província no aspecto económico. Foi durante anos presidente da direcção do Grémio dos Exportadores de Frutos Secos e «Produtos Horticolas do Algarve, deixando o seu nome ligado a numerosas iniciativas de interesse não apenas para a Província como para o País.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO AGRADECIMENTO

ISABEL DA SILVA

Sua família, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que se interessaram pela sua doença e a acompanharam à última morada, vem fazê-lo, reconhecidamente, por este meio.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO AGRADECIMENTO



MARCO D'AQUINO GONÇALVES

Seus filhos, irmãos e restante família vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que o acompanharam à sua última morada, bem como aos que de qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar.

A todos reiteramos o seu mais profundo reconhecimento.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO AGRADECIMENTO

VICTOR ANTÓNIO RUA

Sua família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que se dignaram acompanhar o ente querido à última morada ou de qualquer modo manifestaram pesar pela sua morte.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO AGRADECIMENTO

JOÃO MIGUEL ANICA

Sua família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente como era seu desejo, vem por este meio agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que acompanharam o ente querido à última morada ou de qualquer modo manifestaram pesar pela sua morte.

Era casado com a sr.ª D. Augusta Vieira Cabrita Neto e pai dos srs. Joaquim Manuel Cabrita Neto presidente da Associação dos Industriais de Hotelaria e Similares do Algarve e membro da Comissão Administrativa da Comissão Regional de Turismo, Vitor José Cabrita Neto e Teófilo José Cabrita Neto.

As famílias enlutadas apresenta *Jornal do Algarve*, sentidos pésames.

Lotas

De 7 a 17 de Fevereiro

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

TRAIINEIRAS:	
Pérola do Guadiana	218 970\$00
Alecrim	173 400\$00
Lestia	139 520\$00
Vandinha	133 180\$00
Apóstolo S. João	110 280\$00
N. Sr.ª das Salvas	109 010\$00
Infante	76 370\$00
Conceição	62 210\$00
Cajú	50 700\$00
Refrega	19 140\$00
Flor do Sul	10 450\$00
Liberta	350\$00
Total	1 103 580\$00

De 10 a 16 de Fevereiro

OLHAO

TRAIINEIRAS:	
Princesa do Sul	132 900\$00
Conserveira	92 100\$00
Nova Clarinha	90 900\$00
N. Sr.ª Piedade	89 800\$00
Ilha de Sonho	76 700\$00
Nova Esperança	72 500\$00
Estrela do Sul	71 400\$00
Pérola Algarvia	64 100\$00
Diamante	54 200\$00
Nova Areosa	51 820\$00
Maria Rosa	50 100\$00
Arda	44 100\$00
Amazona	41 770\$00
Agadão	36 200\$00
Flor do Sul	25 000\$00
Ponta do Lador	18 180\$00
Restauração	5 250\$00
Total	1 017 658\$00

De 1 a 16 de Fevereiro

QUARTEIRA

Artes diversas	1 564 503\$00
TRAIINEIRAS:	
S. Paulo	21 500\$00
S. Flávio	21 527\$00
Total	1 607 530\$00

Barco de Recreio Vende-se

«Pacemaker Special», completamente apetrechado e mobilado, cozinha, casas de banho, cabines e salão, absolutamente novo, últimos acabamentos ao gosto do comprador. Preço: 1 200 000 Esc. Facilidade de pagamento. Escrever para o n.º 130/76 do *Jornal do Algarve*.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO AGRADECIMENTO

MARCO D'AQUINO GONÇALVES

Seus filhos, irmãos e restante família vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que o acompanharam à sua última morada, bem como aos que de qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar.

A todos reiteramos o seu mais profundo reconhecimento.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO AGRADECIMENTO

VICTOR ANTÓNIO RUA

Sua família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que se dignaram acompanhar o ente querido à última morada ou de qualquer modo manifestaram pesar pela sua morte.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO AGRADECIMENTO

JOÃO MIGUEL ANICA

Sua família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente como era seu desejo, vem por este meio agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que acompanharam o ente querido à última morada ou de qualquer modo manifestaram pesar pela sua morte.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO AGRADECIMENTO

JOÃO MIGUEL ANICA

Sua família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente como era seu desejo, vem por este meio agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que acompanharam o ente querido à última morada ou de qualquer modo manifestaram pesar pela sua morte.

cinema

iii

3 irmãos

Hotel Alvor Praia
Praia dos Três Irmãos / Tel. 0-82-24021

De 24 a 29 de Fevereiro

Mete o teu diabo no meu inferno

Interdito a men. 18 anos

De 2 a 4 de Março

Juntos são dinamite

Não Acons. a men. 13 anos

De 5 a 7 de Março

O grande êxito cinematográfico

O justiceiro da noite

c/ CHARLES BRONSON
Não acons. a men. 18 anos

Sessões diárias às 21,30 horas

AR CONDICIONADO

Com os pés fincados na terra

(Conclusão da 1.ª página)

é favorável, também, a cada vez maior diferenciação que se agrava, nas relações com a vida comercial, ou industrial, que são forçados a levar. Onde investiram o melhor dos seus esforços e os melhores anos da sua vida.

Há pessoas mal intencionadas e facciosas que dizem ser esse mal proveniente do V Governo provisório. Que só ele pode ser o responsável pela deterioração económica-social que pesa sobre os ombros do povo português. Isso cai pela base, à mínima análise séria e imparcial que possa fazer-se sobre o que foi esse pouco mais de um mês de governação revolucionária. Porque o V Governo Provisório teve, nas escassas semanas em que o deixaram governar, que contar com o combate furioso, constante, incompreensível, que lhe fizeram. Teve de tentar ultrapassar, sem resultado, as querelas duma guerra violenta e desleal que lhe fizeram os políticos, partidos e homens, irredutíveis. Políticos e partidos que se aliaram, numa estranha e incompreensível aliança, fazendo frente comum num combate de vida ou de morte. Combate em que as tropas mais assanhadas e destemidas pertenciam ao P. S., P. P. D. e C. D. S. Foi um combate terrível, com a interferência de divisionismos e forças estranhas, opostas forças de interesses imediatos comuns, que levaram de vencida quem batalhava de cara descoberta e de objetivos claros. Batalha desigual, em que venceram os de maior força. Os de artimanhas mais unidas e atrevidas, os mais encarniçados na luta, os mais persistentes na grande aventura... Talvez, até, que a razão, lhes fizesse manguitos de aceitação. Mas havia interesses «mais altos», na política de circunstância, que os ligava estranhamente entre si. Acabaram por destruir o V Governo Provisório. Veio, depois de se eliminarem dificuldades impenáveis, fruto mesmo da estranha aliança dos vencedores, o VI Governo Provisório. Nele predominavam, antes da sua reestruturação, na sua «quase» totalidade, ministros ligados ao P. S. e ao P. P. D. O mesmo sucede, neste momento, arrumada que está a (re)constituição do que não passou do VI Governo Provisório, mesmo depois da profunda remodelação.

Como logo após a sua constituição se disse, esse Governo iria salvar a situação. Continuamos a esperar que assim seja...

Os meses passaram. Meio ano passado, a situação não melhorou. Antes pelo contrário. Todos se dão conta que piorou. Até as donas de casa, melhor que ninguém, se dão conta disso. Piorou a situação no aspecto económico. Piorou no aspecto social. Piorou no financeiro — embora houvesse a «sorte grande» de uns tantos empréstimos estrangeiros, garantidos na sua totalidade, como se sabe, a peso de ouro... Empréstimos de certos nossos grandes «amigos», empréstimos tão amigáveis, que vão sugar-nos, só de jurinhos, quase o valor inicial dos empréstimos. Mas isso são outros Lopes... Temos, para já, as divisazinhas indispensáveis às mais urgentes necessidades de importação. E isso é quanto basta, para os membros mais ignorantes da nossa comunidade, de entre os quais nos contamos.

Porém, é necessário que sejamos correctos e justos. Com os que possam ler-nos. Mas, em especial, conosco próprio. As dificuldades actuais, que são muitas e pesadas, têm de ser vistas por um prisma real. E não intencional. Elas são bem mais profundas do que à primeira vista parece. São o fruto de uma política obscurantista e ditatorial, de desenfreada exploração de riquezas e pessoas, e que comandou, sem controlo, a vida portuguesa do último meio século.

Há que dizer ao Povo que as gravíssimas dificuldades económicas e sociais com que nos debatemos actualmente, não são o fruto do após 25 de Abril. Até essa altura, também a fome imperava ferozmente nos lares dos trabalhadores. Antes disso, também a miséria era um grande peso na vida dos que viviam só do esforço do seu trabalho. E com a agravante de não poder piar. De não poder falar. De não poder gritar. De não poder protestar, pela palavra falada ou escrita, contra tudo que fazia sofrer e gemer as gentes.

Agora, naturalmente, o «milagre» não aparece. Nem podia aparecer, desde as primeiras eleições do 25 de Abril do ano passado... Não eram as promessas dos

(maus) políticos do centro e da direita, que podiam de qualquer forma melhorar o rumo das reais dificuldades. Nem as promessas dos outros politiquinhos pós 25 de Abril, eleitoralistas de pacotilha, que até chegaram a prometer casas e vida fácil a muitas pessoas, se votassem nos seus partidos, que poderiam transformar em realidade as suas ambições partidárias.

Hoje, a realidade é menos sonhadora, mais cruel, mais natural. As pessoas não devem sonhar tanto com facilidades que, acaso, venham novamente prometer-lhes. Cada operário, cada camponês, cada pescador, cada empregado, deve estar com os pés fincados na terra. Isto é, deve encarar as realidades do momento com a cruzeza que elas têm. E não se deixarem embalar nos contos da carochinha de alguns trampolneiros que, acaso, lhes surjam no caminho. E o povo, são os trabalhadores, que têm o seu destino em suas próprias mãos. Sabê-las utilizar, para construção

FACTOS E IMAGENS

(Conclusão da 1.ª página)

antiga, não tardou que o desejo de mais e melhor conhecer nos guiasse aos pontos altos, onde a paisagem nos chama. E assim fomos em demanda dos caminhos do Castelo, que, ao longe, parecia acenar-nos com promessas de beleza. No percurso ficava-nos o edifício da Câmara, cujo agradável enquadramento fixámos, entre arcos e arvoredo a oferecer-lhe certa nota de poesia.

Em plena Rua da Sé, parecemos ver alterada (para melhor), a fisionomia citadina, nos cuidados que a envolvem, na verdura do largo ajardinado, no asseio das paredes e do chão, quer da Sé, quer da Misericórdia, quer das casas senhoriais, asseio que parecia guiar-nos até às portadas do Castelo, cujo vulto maciço se nos erguia em

do seu próprio destino, será a sua simples, mas grande, vitória.

A. Vicente Campinas

frente, disfarçada também a nota agreste da sua nudez por alguns renques de verdura.

Foi naquele trecho silvense que mais fizemos um pouco as pazes com a cidade, já que nele se nos afigurou mais certa a razão da nossa visita. E a boa impressão manteve-se no interior das muralhas de um castro que virou horta e jardim, mas não perdeu com a viragem, que o mantém frutuoso e limpo, salvo num ou noutro ponto em que é necessário estrume para adubar os terrenos.

A entrada, recebe-nos D. Sancho, estuante de energia (férrea) na bem delineada execução do monumento. Depois, é o chamariz das ameias, de onde os horizontes são vastos, a paisagem é atracção e as laranjas luzem como oiro nos infinitos pomares.

Longos minutos ganhámos nos mirantes do castelo e ao deixá-lo, para irmos (mais uma vez) ao encontro da maravilha de pedra que é a Cruz de Portugal, perguntámo-nos se a cidade não ganharia,

TRIBUNA LIVRE

(Conclusão da 1.ª página)

tavam aos países onde estavam radicados, sempre era uma ajuda, sendo até há pouco um sistema de tapa-buracos na nossa balança de pagamentos. Mas foi também qualquer coisa mais importante do que isso, uma vez que a evolução na construção civil verificada no País, nos últimos dez anos, deve-se em mais de 50%, ao dinheiro dos nossos emigrantes. Se nos dedicássemos a uma estatística nesse senti-

também, mudando a Cruz, do sítio do seu actual isolamento, para junto do Castelo, talvez para o recinto ajardinado que o separa da Sé.

Silves disporia então, agrupado, de um conjunto monumental que bastante mais interesse e atracção granjeava. Hoje, a Cruz, distante e isolada, parece a enteada infeliz de uma família (Castelo, Sé, Misericórdia), que dela muito precisa.

F. Gomes

do, encontraríamos, do Minho ao Algarve, centenas de milhares de casas, vivendas, apartamentos, etc. pertencentes aos emigrantes que, além-fronteiras, contribuindo para o progresso de outras pátrias, souberam amealhar à custa de sacrifícios, algo que lhes permitisse a realização do seu maior sonho, o de ter uma casa, que é sem dúvida, uma ambição própria dos homens.

Aos países que abriram as suas portas aos filhos desta pobre Nação portuguesa, só teremos de agradecer o gesto humano. Assisti-se entre nós, à instalação de algumas fábricas de estrangeiros e todos sabemos que para tal, se encontrava quase sempre uma razão: a mão-de-obra a baixo preço. Este um caso em certa medida comparável aos dos emigrantes, mas sempre baseado numa industrialização que não soubermos construir e por culpa de governantes que não souberam governar. Com o desaparecimento, em 25 de Abril de 1974, do desgastado e saturante regime fascista, dir-se-ia que com a oferta-promessa de uma Democracia pluralista, teríamos encontrado o caminho aberto a um dar de mãos entre todos os portugueses, já que, por todas as razões, éramos agora mais irmãos, mais amigos e todos filhos legítimos da mesma Pátria. E ainda por cima, mais dados com todos os povos do Universo. Mas, infelizmente, tal não aconteceu. A Revolução dos cravos, teve o infeliz condão de separar ainda mais, os filhos legítimos e irmãos de sangue da cada vez mais pobre, Pátria portuguesa.

Com o destruir da corrupta e burocrática máquina fascista, seria de esperar e exigir a destituição de milhares de pessoas dos postos-chave e de comando. Mas, não quereria isto dizer que fosse obrigatório o amendrontar, o exilar voluntariamente, o escorraçar pessoas válidas, para além-fronteiras. Dado que essas pessoas, arrastariam consigo importantes somas de divisas, dado que eram pessoas válidas e como tal faziam falta à Nação, dado que, na sua grande maioria, tinham sido forçados a abraçar o regime anterior e ainda, pela sempre válida ideia de que todos podemos ser recuperáveis.

Não vale a pena ir em busca das razões da fuga de centenas de milhares de portugueses que abandonaram voluntariamente este País. Mas poderá perguntar-se: quem lucrou com esta sangria de gente válida? Porque abriram outros países as portas a esses «fugitivos»? Porque não abrem esses mesmos países as portas a quantos portugueses para lá queiram emigrar? Se daí se pode concluir que só lhes interessa os válidos, teremos naturalmente de nos convencer de que os mesmos eram da maior utilidade à nossa Pátria. Com mágoa citamos o dr. Diamantino Baltazar que há pouco mais de dois anos nos salvou a vida. Que lucrou o Algarve com a saída deste seu filho?

Porque nos lamentamos da falta de postos de trabalho, da falta de turistas, da escassez de divisas? Cedo ou tarde, havemos de concluir que a sangria humana num país, seja ela de pobres, ricos ou remediados, não dá o mínimo lucro. Servirá, infelizmente, para tornar esse país ainda mais pobre.

Manuel Faria

Urbanizado para construção. Vende-se: Tratar c/ Manuel Pontes da Horta — Tel. 65230 — Quarteira.

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

Manuel Faria

CARNAVAL — TORRALTA

1976

ALVOR

ADEGA

NIGHT CLUB 666

BAILES — VARIEDADES

2 Conjuntos

28 e 29 de Fevereiro 1 e 2 de Março

Esc. 350\$00 Esc. 200\$00

VENHA CONNOSCO, CONTACTE-NOS:

Telefone 20211/2 — ALVOR



ÁRVORES

de fruto, jardim, avenidas e parques, rigorosamente inspeccionadas e seleccionadas.

Visite-nos e peça catálogo.

VIVEIROS DE CASTROMIL — Cete Telef. 945006 (HÁ QUASE MEIO SÉCULO) (PORTO)

com o dinheiro ao canto da gaveta você está a perder!

GANHE COM AS NOVAS TAXAS DE JURO DE DEPÓSITOS



À ORDEM	1%
COM PRÉ-AVISO	4,5%*
30 A 90 DIAS	
A PRAZO	4,5%*
30 A 90 DIAS	
A PRAZO	6,5%*
91 A 180 DIAS	
A PRAZO	9,5%*
181 DIAS A 1 ANO	

* Imposto de capitais a cargo do depositante.

BANCO AGRÍCOLA E INDUSTRIAL VISEENSE * BANCO DA AGRICULTURA * BANCO DO ALENTEJO * BANCO DO ALGARVE * BANCO DE ANGOLA * BANCO BORGES & IRMÃO * BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA * BANCO FERNANDES MAGALHÃES * BANCO FONSECAS & BURNAY * BANCO INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS * BANCO MICAELENSE * BANCO NACIONAL ULTRAMARINO * BANCO PINTO & SOTTO MAYOR * BANCO PINTO MAGALHÃES * BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO * BANCO TOTA & AÇORES * CASA MANUEL MENDES GODINHO & FILHOS * CASA PANCADA, MORAES & C.

Sérgio Farrajota Ramos

Médico dermatovenereologista Professor agregado de Medicina Interna

DOENÇAS DA PELE E VENÉREAS

Consultório e Residência: Rua Transversal à Av.ª 25 de Abril — Lotes 9 e 10 r/c B. Telefone 23398 — Portimão Consultas a partir das 17 h.

Vítimas de acidentes de viação

No sítio das Hortas (Vila Real de Santo António), registou-se uma colisão entre a bicicleta em que seguia o sr Diamantino dos Mártires Agostinho, de 52 anos, casado, pedreiro, natural daqueixa vila e residente em Monte Gordo, e uma motorizada, conduzida pelo sr. Custódio Manuel Romão, morador em Monte Gordo. O sr. Diamantino Agostinho, foi conduzido ao Hospital de Faro, ali vindo a falecer.

Sindicato dos Empregados de Escritório

Por haver sido eleito para fazer parte do Secretariado da Secção de Faro do Partido Socialista, deixou, a seu pedido, o cargo de presidente da direcção do Sindicato Livre dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito o sr. Pedro Antunes Teixeira. Para o substituir, passou à efectividade o sr. David Rosa.

Enquanto se não processa a eleição do novo presidente entre os actuais componentes da direcção sindical, as funções são desempenhadas pelo secretário, sr. Fernando Brito.

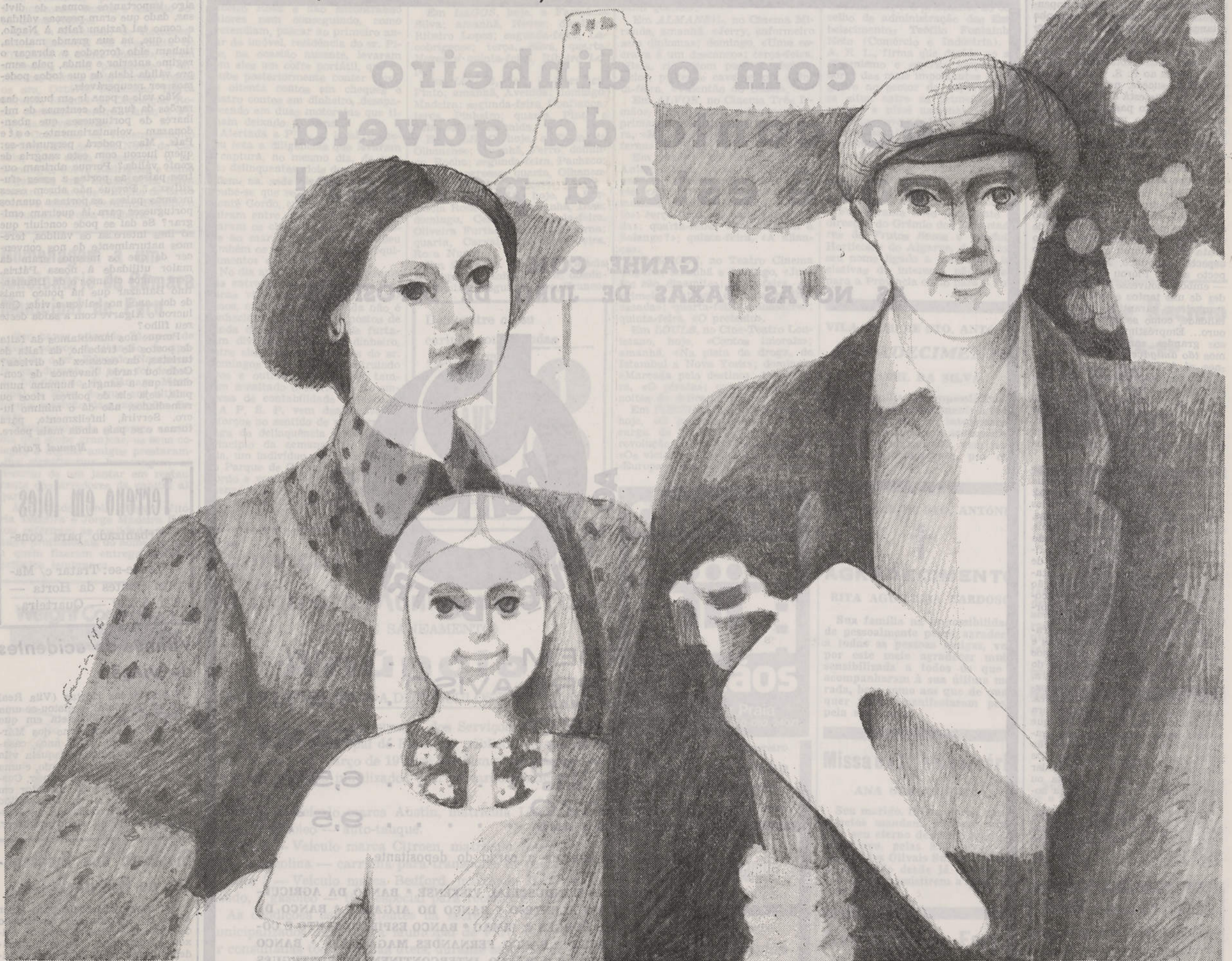
Crédito Agrícola de Emergência

para adubos; sementes; rações; pesticidas; combustível; pequenas reparações; pequenas alfaias; salários; trabalhos de lavoura; etc.

Têm direito ao Crédito Agrícola de Emergência todos os Pequenos e Médios Produtores Agrícolas e as Unidades Colectivas de Produção.

Fale já com a Comissão Liquidatária do antigo Grémio da Lavoura ou com a cooperativa do seu concelho. Obtenha aquilo de que precisa sem hipotecas, sem cauções.

Para quem trabalha directamente a terra e a sua actividade exclusiva é a agricultura existe agora também o Fundo de Maneio.



* Para outros tipos de crédito, consulte a Delegação Regional do I.R.A.

MÁRIO SANTOS

MÉDICO ESPECIALISTA

DO INSTITUTO PORTUGUÊS DE ONCOLOGIA

FRANCISCO GENTIL

DOENÇAS DE SENHORAS

Consultas: Fevereiro, 28; Março, 13 e 27. Mar-
cações pelo telefone 42378 — Monte Gordo.

Consultório: Rua 10 — Monte Gordo, junto aos apar-
tamentos Monte Sol.

CARTAS à Redacção

«Avante pela democratização em Armação de Pêra»

Em resposta ao apontamento redigido pelo sr. Santos António e publicado nas colunas deste semanário em 6-2-76, torno público, especialmente para o meu caro amigo o seguinte:

Sinto-me na obrigação de focar alguns aspectos do seu apontamento e, já que deu corda ao relógio, ele continua a trabalhar, e consequentemente, aproveito a oportunidade para superficializar mais algumas verdades.

Relativamente à primeira pergunta, da maneira mais simplória, lhe resolvo a questão. Como se acaba com os intermediários? Não a curto prazo, pois daí adviria um agravamento da lista dos desempregados; mas, sr. Santos António, isso tornar-se-á uma realidade a longo prazo, a quando da reconstrução da nossa economia, compreendeu? Não lhe é preciso dar instruções sobre intermediários, porque você entende-me bem.

Com certeza, já reparou que a Cooperativa Armacense não foi a primeira que se fundou no Algarve após o 25 de Abril! E que a mesma Cooperativa não é mais que uma intermediária? E ela que produz os produtos que vende ao consumidor? Então, sr. Santos António? Adere muito às cooperativas, mas nem a todos os sectores da economia nacional elas se adaptam.

Mas, mais concretamente, analisemos a posição da Cooperativa de Armação de Pêra: Quem tem lá entrada? Apenas os sócios. Qual a quota que cada um paga? Qual a redução que sofrem os produtos que vendem? Digo-lhe que é uma margem muito insignificante e, contabilizando bem, as quotas vão cobrir essas ditas reduções e a tão amável Cooperativa acaba por servir o consumidor, embora de uma forma aparente, de que o povo não consegue aperceber-se, aos mesmos preços praticados nos restantes estabelecimentos. Pois, sr. Santos António, foi esse tipo de cooperativa que vocês fundaram e continuam a fomentar? Quanto a mim, não concedo nenhuma rentabilidade ao consumidor. Os dirigentes da mesma e os empregados a ela afectos, não estão a trabalhar para o boneco.

Já pensaram, no final de cada ano económico, distribuir os lucros a cada sócio-consumidor? Isso nunca. Deste modo, até eu investia o meu capital, mas é preciso, acima de tudo, usarmos a nossa lealdade com fins humanitários.

Eu laboro por conta de outrem e, muitas vezes, sofro porque me culpam com inúmeras falsidades; no entanto, aí, sei conservar o meu silêncio, porque tenho a certeza que nada mais cumprirá senão o meu legítimo dever. Passe por onde passe, conservo e conservarei bem alto a minha cabeça. E digo-lhe ainda que sou apartidário e não estou arrependido de ter tomado esta firme decisão; e, se hoje ocupo o lugar em que me encontro, foi à custa de muito sacrifício e não pelas tão apregoadas «cunhas».

Não deixo de frisar que me constou tudo o que se relaciona com a fundação da dita Cooperativa. O apontamento que redigi não visava directamente essa fundação, esse organismo tão democrático, mas como deu corda ao relógio... Mas que grande chatice, sr. Santos António! Sabe que me informei do seu «currículum vitae»? No entanto, desde sempre, da discussão nasceu a luz.

Só lamento, que mais não dissesse, pois o espaço não é pouco e que eu saiba o papel ainda não escasseia. Enfim, escreva mais coisas e apresente-me factos concretos e resolúveis, que beneficiem o povo.

Fatos para homem

Bonitos padrões em lã, terylene, etc. Peça amost-
tras à COTEMA — Apar-
tado 245 — COVILHA.

QUADRAS

Como aumenta tudo, tudo desde os tomates ao plástico resolvei aumentar: DE ao património onomástico.

Mesmo assim, com este au-
mento,

Não é nobre o meu almoço!
Esta vida é um tormento
com a falta de... caroço.

Porque o papel está caro
e caro está o cartão,
como de escrever não paro
só uso em segunda mão.

Com uma pensão de Malarte
mal como e bebo; não fumo,
não posso, pois, fazer parte
da sociedade de consumo.

A «coisas» não se reparte
como quer o Criador,
por isso, ponho de parte
o excelentíssimo senhor.

Senhores são os «magnates»
e quejandos parasitas.
Excelência, os «bonifrates»,
eu já não vou nessas fitas.

Nem a senhor, nem a escravo;
a tais fins não me promovo;
sem apelo nem agravo,
eu sou um filho do povo.

Portanto, em correspondência
a partir deste Ano Novo
não quero mais excelência;
eu sou um filho do povo...

Há cerca de dois mil anos
que se invoca Jesus Cristo.
Vamos vivendo de enganos
e nunca mais se sai d'isto!

Olho em volta e não me iludo,
há gente privilegiada;
são esses que comem tudo,
os outros, não comem nada!

E também dizem que o povo
tem muita falta de fé.
Uns estão cheios como um ovo,
e os outros? Pois é, pois é...

Eu só tenho, como povo,
os que alugam o seu braço,
pois não tolero nem touvo
o fidalgo que é madraço.

Jerónimo Gregório Marcos

N. da R.—Com amáveis votos e cumprimentos, que cordialmente retribuimos, o nosso antigo colaborador sr. Jerónimo Gregório Marcos enviou-nos as quadras que inserimos, perguntando-nos se serão um «canto do cisne», dos seus projectos 84 anos. O sabor popular e a facilidade que dos seus versos se desprende, fazem-nos pedir a Gregório Marcos que deixe o «canto do cisne» em paz e continue a brindar-nos, e aos leitores, com os seus interessantes trabalhos.

MEDITANDO

O mundo vai-se drogando
Anda tola, a sociedade
O progresso vai matando,
O progresso... da maldade!

O trabalho é rejeitado.
O povo não se respeita
Uns querem grande ordenado
E andar de espinha direita.

Se querem que o mundo ande
Saibamos todos julgar:
Tem que haver alguém que mande.
E não todos a mandar.

Onde todos são mandões
Não se compra, nem se vende,
Há boatos, confusões,
E por fim, ninguém se entende!

João da Silva Graça

Oliveiras

Enxertadas em zambu-
jeiros com seis a dez anos
de enxertia e em plena fru-
tificação. Vende:
João Afonso Madeira —
ALTE — Algarve.

Detido em Faro um dos assaltantes da Standard Eléctrica

Numa operação conjunta da Polícia Judiciária e da P. S. P. foi detido em Faro, onde há alguns dias se encontrava, o quinto implicado no assalto à Standard Eléctrica, e único que se encontrava em liberdade. Trata-se de António Jorge da Silva, casado, de 28 anos, natural e residente naquela cidade.

DOENÇAS DOS OLHOS

J. C. Vazão Trindade
Médico especialista

Rua Dr. Manuel de Almeida,
n.º 2-1.º-A — Telef. 22941

Portimão
Consultas com mar-
cação às 2.ª, 3.ª, 5.ª
e 6.ª feiras.

Imprensa

«A VOZ DO MAR» — Completou 19 anos de existência este prezado colega que se publica no centro piscatório de Peniche. Ao seu director, sr. António Alves Seara, e colaboradores, os nossos cumprimentos.

«AURORA DO RIBATEJO» — Festejou a entrada no 11.º ano de vida este estimado colega de Benavente, dirigido pelo sr. J. A. Pereira dos Santos, a quem felicitamos, e a quantos com ele trabalham.

Trespassa-se

Salão de cabeleireira de senhoras que dá para outro ramo de negócio, em Monte Gordo. Bem situado. Motivo: doença do proprietário, que o impossibilita estar à frente do negócio.
Resposta para o telef. 42144 — MONTE GORDO.



Viva despreocupado
Empregue o seu capital
Cesário & C.ª, Lda.

EXISTE PARA O SERVIR
Vende, compra e troca

MORADIAS
ANDARES
APARTAMENTOS

em regime de propriedade horizontal
Encarrega-se de todos os contactos com inquilinos

Sede: Rua José de Matos, 33
Telefs. 26216 ou 25998 de FARO

CARNAVAL — TORRALTA 1976

LAGOS

BOITE HOTEL GOLFINHO	SALÃO HOTEL S. CRISTÓVAO
BAILES	
Conjunto	
GRUPO 4 JOSÉ PORTUGAL	OS GOLFINHOS
Esc. 100\$00	Esc. 75\$00
VENHA CONNOSCO, CONTACTE-NOS:	
28 e 29 de Fevereiro 1 e 2 de Março	
Telef. 62081/3	LAGOS Telef. 63051/2

Novos corpos gerentes

CINE-CLUBE DE FARO

Realizou-se a assembleia geral do Cine-Clube de Faro para eleição dos corpos gerentes para o ano de 1976.

Transcrevemos, a seguir, os nomes dos componentes da única lista concorrente:

Assembleia geral: presidente, José Maria Lopes da Costa; vice-presidente, Emanuel Rui Machado Fernandes; secretários, Domingos Vieira Neto e Miriam Josefina Rodrigues Aço.

Direcção: presidente, Joaquim Veríssimo Prazeres; vice-presidente, Silvino Octávio Rosa Santos; tesoureiro, Maria de Fátima Fernandes; secretário, Maria Lucinda de Carvalho Patacas; vogais, Fernando António Correia, Arsénio João de Sousa Valério e Augusto José Gomes Martins.

Conselho fiscal: presidente, José Azinheira Rebelo; José Carlos de Sousa Cavaco e José Manuel Faísca Gregório.

Os dirigentes cineclubistas, queixam-se do alheamento dos sócios pelos problemas do Cine-Clube (compareceram apenas cerca de vinte associados, à assembleia) e apelam para que cada um, dentro das possibilidades, ajude o novo elenco directivo, com vista, também, à restauração da sede e à dinamização da secção de 16 m/m.

RACAL CLUBE DE SILVES

Decorreu na biblioteca da Escola Secundária de Silves a assembleia geral do Racal Clube, prestante colectividade que no campo cultural e desportivo tem desenvolvido acção de relevo. Foram aprovadas as contas de 1975 e o plano de actividades para o ano em curso.

Dada a complexidade e desenvolvimento do clube, foi proposta uma alteração aos estatutos que permita a criação de novos departamentos e uma efectiva descentralização. Aprovada a alteração por unanimidade, procedeu-se a seguir à eleição dos novos corpos gerentes, vencendo a lista designada por «D», a qual tem a seguinte constituição:

Assembleia geral, Domingos Garcia, presidente; João Mealha e Carlos Garcia, secretários; direcção: João Guerreiro Matoso, presidente; Eduardo dos Santos, vice-presidente coordenador geral; Rogério Costa, vice-presidente para as actividades culturais; Pedro Cabeçadas, vice-presidente para as actividades desportivas, Jorge Silva Pereira, vice-presidente para as relações públicas; Aldemiro Rodri-

Estrume de gados

PALHAS, CEREAIS E SÊMEAS
Vende-se posto no Algarve.
Dirigir a Jacinto Maruta
Martins — telefone 22281 —
Castro Verde.

gues, secretário, Maria Isabel Camarinha, tesoureira, Maria de Soledade Ramos e António Alfaro Robi-
nha, vogais; conselho fiscal: Joaquim Gonçalves, presidente; José Sequeira Duarte, secretário e José Benedito, relator.

MONTEPIO DOS ARTISTAS DE FARO

Foram empossados os novos corpos gerentes da Associação de Socorros Mútuos Protectora dos Artistas de Faro (vulgo Montepio dos Artistas), agremiação fundada há 119 anos e com extraordinária acção, designadamente em prol das classes trabalhadoras que a formaram quando a previdência era ainda uma hipótese remota.

Constituem os corpos sociais os seguintes membros: assembleia geral, José Martinho Nobre Vargues, presidente; João Maria Vieira Assis Pacheco, vice-presidente; Luís Faria Pavão e Eduardo de Sousa, secretários; António do Carmo Rolão Júnior e Avelino da Cruz Pires dos Santos, vice-secretários; direcção, António José Pelica Júnior, presidente; Félix das Dores Prazeres, secretário; Bento Madeira Santos, tesoureiro; António Camilo do Nascimento, Armando Ferreira Leiria, Joaquim Vieira e José Jacinto Pereira Rosa, vogais; conselho fiscal, Rolando Serrano Santos, presidente; José Ferreira de Sousa, secretário e Pedro Jacinto, relator.

ROTARY CLUBE DE FARO

Foram eleitos os novos dirigentes do Rotary Clube de Faro que têm a seguinte constituição: presidente, Fernando Martins; vice-presidente, Luciano Seromenho; secretário, Manuel Pires Vitória; tesoureiro, Fernando Alves; vogais, Manuel Miranda, Jorge Pais Lobo e Eulálio Cabrita; protocolo, dr. Joaquim Magalhães, dr. Rocheta Cassiano e Hélder do Carmo.

SOCIEDADE FILARMÓNICA UNIÃO OLANHENSE

Em assembleia geral foram eleitos os corpos gerentes da Sociedade Filarmónica União Olanhense, que ficaram assim constituídos:

Assembleia geral — presidente, Arnaldo da Conceição Viegas; vice-presidente, Frederico Emílio Peixe Rei Rebelo; secretários, Manuel Monteiro Lopes e Vitor Manuel dos Reis Forra; vogais, Carlos Basílio da Silva Pinto e António Vicente dos Santos.

Direcção — presidente, Vitor Manuel Mendes; vice-presidente, Manuel Jorge Firmino; secretários, António Coelho Martins e Delfim Teles Ferreira Dias; tesoureiro, José Valdemar dos Santos Forra; vogais, António José dos Mártires Santos e João Irineu Forra Poira. Conselho fiscal — presidente, José Francisco Bruno; secretário, José Lopes das Dores; relator, Luciano Sousa Florêncio.

MISERICÓRDIA DE FARO

Foram empossados os membros da mesa administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Faro, recentemente eleita e assim constituída: dr. Aroleno Novais Bicheiro, Eugénio da Silva Germano, José Jorge, José Ricardo Candéias Neto, Luciano dos Reis Baião, dr. Manuel Soares Cabeçadas, D. Maria Bento Gago Antão e Fernando António Passarinho Bitoque (representante da Irmandade). Ao usar da palavra no acto, o dr. Levy Guimarães, provedor cessante e director distrital de saúde, ofereceu aos empossados a ajuda da sua experiência e dos membros da anterior mesa administrativa.

António Vicente

Participa que na Bélgica, aonde se deslocou no dia 29-9-75, para ser submetido a uma operação cirúrgica, foi operado a uma perna no dia 28-10-75 e à outra a 3-11-75, tendo tudo decorrido satisfatoriamente.

Informa também que já regressou a casa e agradece, com um grande abraço, a todos os amigos que se interessaram por ele durante o período das operações.

Portimão, 9 de Fevereiro de 1976

A. Onofre

Armação de Pêra necessita de um porto de abrigo

Entre as necessidades prementes de Armação de Pêra, é de salientar a de um porto de abrigo. E aborrecido presenciarmos, em dias de tão belo sol, o vento a predominar do quadrante Norte e os pescadores desta localidade, perderem de ganhar o pão de cada dia, só porque existe um pouco de rebentação do mar na praia. Se existisse um porto de abrigo, toda essa rebentação seria eliminada, o pão daqueles bravos homens passaria a existir com maior abundância na mesa, e até a localidade não ficaria tantos dias do ano sem a base da sua alimentação, que é o peixe.

Armação de Pêra, possui um local de grande importância para a construção do porto de abrigo. A bacia do ribeiro, possui, só por si, boas dimensões para a construção desejada há muito por todos os pescadores. Esperemos que as autoridades responsáveis se debruçem sobre tão importante melhora-mento.

D. M. F. Pereira

Correias trapezoidais

em borracha

CASA CHAVES CAMINHA

Av. Rio de Janeiro, 19-B
LISBOA — Tel. 725163

Greenshields & Vieira, Limitada

Certifico que, por escritura de 27 do corrente mês, lavrada de folhas 27 a folhas 29, do Livro de notas para escrituras diversas B-61, deste Cartório Notarial do concelho de Lagoa — Algarve, a cargo da Licenciada Catarina Maria de Sousa Valente, Carlos Alberto dos Santos Vieira, possuía na sociedade em epígrafe com sede em Armação de Pêra, Avenida Beira Mar, número cinco, uma quota no valor nominal de 125 000\$00, que não lhe convindo permanecer na sociedade dividiu, aquela sua quota em duas novas quotas: uma, no valor nominal de trinta mil escudos, que pelo preço de cinquenta mil escudos cedeu a Patrick Noel Greenshields; outra, no valor nominal de noventa e cinco mil es-

Horta vende-se

Situada entre Faro — Olhão

Com cerca de 1 hectare, bastantes casas, armazém, nora com motor, etc.

Tratar pelos telefones 24705 ou 22488 de Faro.

VIVENDA

Vende-se por bom preço, com 7 assoalhadas, chave na mão; com a área coberta de 220 m² e descoberta de 240 m², no centro da cidade, em regular estado de conservação.
Trata: tel. 23674 — Faro.

cudos, que, pelo preço de cento e cinquenta mil escudos cedeu a João Manuel das Neves Vieira, apartando-se assim da referida sociedade.

As cessões foram feitas com todos os correspondentes direitos e obrigações, renunciando o cedente às suas funções de gerente. Os cessionários unificaram as quotas cedidas às que já possuíam, passando o sócio Patrick Noel Greenshields a dispor de cinquenta e seis por cento do capital social e o sócio João Manuel das Neves Vieira a dispor de quarenta e quatro por cento do capital social. Pela mesma escritura foi alterado o artigo quarto do pacto social, que passou a ter a seguinte e nova redacção:

ARTIGO QUARTO

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de quinhentos mil escudos e corresponde à soma das quotas dos sócios: uma, no valor nominal de duzentos e oitenta mil escudos, pertencente ao sócio Patrick Noel Greenshields; e outra, no valor nominal de duzentos e vinte mil escudos, pertencente ao sócio João Manuel das Neves Vieira. Está conforme.

Cartório Notarial de Lagoa, 28 de Janeiro de 1976

A Ajudante,

Maria Cecília G. Pargana

Para um «dossier» M. F. A. EDIFÉLIX - Edifícios e Materiais de Construção Civil, Lda.

(Conclusão da 1.ª página)

tenas de oficiais do quadro permanente dos três ramos das forças armadas — («Avante», órgão do C. C. do P. C. P. de Abril de 1974 — ainda na clandestinidade).

Por outro lado, o P. R. P. — Brigadas Revolucionárias (também na clandestinidade), em comunicado datado de 20 de Março, no qual apelava para o «1.º de Maio, uma grande jornada de luta revolucionária», considerava que: «o exército, principal sustentáculo do sistema, cindiu-se em dois blocos: um em torno da continuação da política de guerra ultra-colonialista e de repressão feroz contra os trabalhadores e as forças revolucionárias portuguesas; o outro bloco procurando uma saída neo-colonialista para as colónias, que seria acompanhada de uma grande manobra demagógica de «liberalização» a fim de quebrar o impulso revolucionário do proletariado português».

INTENTONA DAS CALDAS

«Na madrugada de sexta-feira para sábado, alguns oficiais em serviço no Regimento de Infantaria 5, aquartelados nas Caldas da Rainha, capitaneados por outros que nele se introduziram, insubordinaram-se, prendendo o comandante, o segundo comandante e três majores e fazendo em seguida sair uma companhia auto-transportada, que tomou a direcção de Lisboa. O Governo tinha já conhecimento de que se preparava um movimento de características e finalidades mal definidas, e fácil foi verificar que as tentativas realizadas por alguns elementos para sublevar outras unidades não tinham tido êxito. Para interceptar a marcha da coluna, vinda das Caldas, foram imediatamente colocadas à entrada de Lisboa forças de Artilharia 1, de Cavalaria 7 e da G. N. R. Ao chegar perto do local onde estas forças estavam dispostas e verificando que na cidade não tinha qualquer apoio, a coluna rebelde inverteu a marcha e regressou ao quartel das Caldas da Rainha, que foi imediatamente cercado por unidades da Região Militar de Tomar. Após terem recebido a intimação para se entregarem, os oficiais insubordinados renderam-se sem resistência, tendo imediatamente o quartel sido ocupado pelas forças fiéis e restabelecendo-se logo o comando legítimo. Reina a ordem em todo o país». Este o teor de uma nota oficiosa, divulgada nos órgãos de informação no dia 17 de Março, após os acontecimentos das Caldas da Rainha.

Acerca deste movimento militar, disse Otelio Saraiva de Carvalho, em entrevista concedida ao jornal «Expresso», de 27 de Julho de 1974:

«A intentona das Caldas não foi propriamente uma operação preparada. Estive enterrado nessa história até à testa, juntamente com mais três camaradas meus. Ela foi resultado de uma impaciência muito grande que já sentíamos nessa altura. O 16 de Março não foi fruto de qualquer plano ou preparação. Nem mesmo houve a intenção de ali ter um «salão de ensaio» que viesse a preparar qualquer acção ulterior. Na realidade, ele serviu-me a mim, pessoalmente, de ensaio. Aproveitei a intentona das Caldas, pois acompanhei toda a acção que tiveram as forças governamentais na sua oposição às nossas forças que tinham progredido das Caldas até Sacavém. Fiz então o levantamento de todas as reacções que tinha havido por parte das forças governamentais, G. N. R., P. S. P., P. I. D. E., Legião, etc. Verifiquei ainda a reacção do Governo perante essa vitória governamental em relação ao movimento. Estes levantamentos permitiram-me, com uma segurança muito grande, planear o 25 de Abril».

A roda da história estava em movimento, o fascismo agonizante tentava por todas as formas sobreviver. É de lembrar que, o Movimen-

to que o governo de Caetano, considerava «de características e finalidades mal definidas», já havia elaborado um documento (ver «Avante», clandestino, de Abril de 1974 — n.º 464) do qual destacamos o seguinte (que o definia, e bem):

«Entendemos necessários, como condição primeira de solução do problema africano, da crise das Forças Armadas e da crise geral do país que o poder político detenha o máximo de legitimidade, que as suas instituições sejam efectivamente representativas das aspirações e interesses do Povo. Por outras palavras: sem democratização do País não é possível pensar em qualquer solução válida para os gravíssimos problemas que se abatem sobre nós».

25 DE ABRIL:

A REVOLUÇÃO DAS FLORES

Em 25 de Abril de 1974, novas esperanças nasceram nos corações dos explorados deste país, uma nova página se abriu na história de Portugal, uma página que ninguém esquecerá e que, por muito que tentem os senhores exploradores deste país, nunca apagarão, pois ficará, hoje e sempre, a iluminar os caminhos da liberdade e dos mais puros direitos humanos.

«Grândola, vila morena», na voz de José Afonso, é o sinal que, indica, como disse Otelio, que o primeiro sinal havia sido dado: e que o processo era portanto irreversível, estava tudo a andar e não havia paragem possível. A partir do momento em que foi dado o primeiro sinal, o processo era irreversível. Houvesse o que houvesse toda a gente tinha que ir para a frente...» («Expresso», de 27 de Julho de 1974).

Pelas 4 horas e 20 minutos, é transmitido o primeiro comunicado através do Rádio Clube Português.

«Aqui posto de comando das forças armadas. As forças armadas portuguesas apelam para todos os habitantes da cidade de Lisboa no sentido de recolherem a suas casas, nas quais se devem conservar com a máxima calma». O mesmo comunicado apela «para o bom senso do comando das forças militares no sentido de serem evitados quaisquer confrontos com as Forças Armadas». E ainda «para o espírito cívico e profissional da classe médica, esperando a sua acção aos hospitais, a fim de prestar a sua eventual colaboração, que sinceramente se deseja desnecessária».

O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO

As massas populares saíram para a rua e gritavam: «o povo unido jamais será vencido»; milhares e milhares de pessoas rejubilavam de alegria; em qualquer lugar era fácil encontrar um homem, ou uma mulher, jovem ou de idade, com as lágrimas a caírem pela face.

Entretanto, o M. F. A. divulgou o seu programa, do qual extraímos algumas passagens:

«Considerando que, ao fim de treze anos de luta em terras do ultramar, o sistema político vigente não conseguiu definir, concreta e objectivamente, uma política ultramarina que conduza à paz entre os portugueses de todas as raças e credos»;

Considerando que a definição daquela política só é possível com o saneamento da actual política interna e das suas instituições, tornando-as, pela via democrática, indiscutidas representantes do Povo português»;

Considerando ainda que a substituição do sistema político vigente terá de processar-se sem convulsões internas que afectem a paz, o progresso e o bem-estar da Nação»;

O Movimento das Forças Armadas Portuguesas, na profunda convicção de que interpreta as aspirações e interesses da esmagadora maioria do Povo português e de que a sua acção se justifica plena-

mente em nome da salvação da Pátria, fazendo uso da força que lhe é conferida pela Nação através dos seus soldados, proclama e compromete-se a garantir a adopção das seguintes medidas, plataforma que entende necessária para a resolução da grande crise nacional que Portugal atravessa».

Após os «Considerandos», o Programa do M. F. A. apontava: medidas imediatas; medidas a curto prazo; e finalizava da seguinte forma:

«O Movimento das Forças Armadas, convicto de que os princípios e os objectivos aqui proclamados traduzem um compromisso assumido perante o País e são imperativos para servir os superiores interesses da Nação, dirige a todos os Portugueses um veemente apelo à participação sincera, esclarecida e decidida na vida pública nacional e exorta-os a garantirem, pelo seu trabalho e convivência pacífica, qualquer que seja a posição social que ocupem, as condições necessárias à definição em curto prazo, de uma política que conduza à solução dos graves problemas nacionais e à harmonia, progresso e justiça social indispensáveis ao saneamento da nossa vida pública e à obtenção do lugar a que Portugal tem direito entre as Nações».

DA DEMOCRACIA AO SOCIALISMO

São passados 21 meses desde a gloriosa jornada do 25 de Abril. Ao pensarmos esta data, ainda soa dentro de nós, cidadãos portugueses, a voz de José Afonso: «Grândola vila morena / Terra da fraternidade / O Povo é quem mais ordena / Dentro de ti oh cidade».

De luta em luta, de crise em crise, o processo revolucionário tem avançado e recuado, da opção democrática feita pelo M. F. A. em 25 de Abril, à opção «socializante» comunicada pela Coordenadora do M. F. A. em 31 de Dezembro de 1974, numa conferência de Imprensa, até à opção pelo Socialismo feita em Julho com a aprovação do «Projecto-Guia Aliança Povo-M. F. A.».

DO SOCIALISMO À DEMOCRACIA

Entretanto, após o «25 de Novembro» o processo revolucionário português entrou numa fase de recuo. São colocados em liberdade fiéis servidores dos regimes Salazar-Caetano e enviados para a prisão homens como o general Otelio Saraiva de Carvalho, cujo papel no derrube do regime fascista foi preponderante.

Vasco Lourenço afirmou, quando da sua visita ao Regimento de Infantaria de Setúbal (R. I. S.):

«Infelizmente, algumas forças reaccionárias começam a levantar demasiado a cabeça, atacando a própria essência e razão de ser do 25 de Abril de 1974, esquecendo que, se falamos, foi porque o mesmo lho permitiu e, apesar de todas as vicissitudes passadas, foi a maioria dos militares que estiveram na sua origem, que evitaram situações ditatoriais em que não lhes seria permitido falar». E acrescentou: «a única conclusão que podemos tirar é a de que os que hoje assim falam são os mesmos a quem era permitido falar antes do 25 de Abril de 1974».

Acerca do Relatório Preliminar do «25 de Novembro», afirmou, ainda Vasco Lourenço:

«Pela minha parte, foi com enorme mágoa que vi implicados nesses acontecimentos alguns dos nossos camaradas mais responsáveis pela Revolução do 25 de Abril. Continuo a ver cair nas prisões, camaradas de armas que nos são queridos. A eles nos ligam laços de amizade, de camaradagem, e de luta em comum que não são fáceis de destruir ou esquecer. Porque nos dividimos nós?»

QUEM NOS DIVIDE?

A finalizar disse: «Quem nos divide? Quem se aproveita da relativa inexperience e da generosidade dos jovens militares? entusiastas e patriotas? Quem, com demagogia e por detrás de certas teorias tenta confundir-nos e intoxicar-nos?»

Porém, lamentavelmente, em Custóias ou Caxias, quase se vêem só militares. Serão eles os verdadeiros responsáveis? Ponhamos termo a isto!»

PRISÃO DE OTELO

Assim, após a opção socialista, o «25 de Novembro» vem fazer o processo recuar à opção «democrática» e «pluralista».

Otelio Saraiva de Carvalho foi preso; ao prender Otelio, «o actual poder mete na prisão o próprio 25 de Abril», afirma-se num comunicado do Partido Revolucionário do Proletariado.

Antes de ser preso, concedeu Otelio uma entrevista ao «Diário de Lisboa», e à pergunta: «O que prevê para o futuro?», respondeu:

«Penso que começará uma fase parlamentarista, a qual atrofiará todas as expressões de luta de classes, institucionalizando uma democracia burguesa que dará lugar rapidamente ao autoritarismo de direita. Por outro lado, é necessário que o Conselho da Revolução possa travar com coragem — que nunca teve — toda esta ofensiva da direita».

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é o primeiro trabalho de uma série «Para um dossier M. F. A.». Pensamos que ao historiar o M. F. A., estamos a historiar o processo político-militar que se tem vindo a desenvolver desde o 25 de Abril. É evidente que não podemos de forma alguma marginalizar a força das massas populares em todo este processo. No entanto, tentaremos equacionar a problemática inerente do facto de os órgãos de poder existentes desde o 25 de Abril, estarem constantemente à margem do movimento de massas, sendo inclusivamente a pressão exercida por estas, constantemente, o factor predominante, nas medidas tomadas por esses mesmos órgãos.

Este primeiro trabalho pretende, no seu conteúdo geral, ser uma introdução à análise que iremos efectuar ao processo revolucionário português, mais propriamente a um dos elementos fundamentais, que lhe deu início, e quem sabe se também o fim: Movimento das Forças Armadas.

Sousa Pereira

Bibliografia: «Diário Popular» e «A Capital», de 17-3-74; «As Forças Armadas e a Nação», Marcelo Caetano, de 27-7-74; «Garantias de uma Revolução Democrática», edição do Ministério da Comunicação Social; «Documentos do P. R. P. - B. R. - 1971-1974» — «Edições Revolução»; «Avante», clandestino, de Abril de 1974; «Diário de Lisboa», de 20-1-76; «A Capital», de 21-1-76; «Seara Nova», n.º 1545 e edição especial de Maio de 1974: «Século Ilustrado», n.º 1895 e 1896; «25 de Abril: Liberdade e Esperança», de Augusto Vieira.

Bailes de Carnaval na União Olhanense

A Sociedade Filarmónica União Olhanense realiza este ano os tradicionais bailes de Carnaval em 21, 28 e 29 deste mês e em 2 de Março, bem como o baile da pinha em 13 de Março, abrelhantados pelo conjunto Sica Meluzy.

Gabinete do Planeamento da Região do Algarve

AVISO

ADITAMENTO DO CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMAÇÃO DA EMPREITADA DE «FORNECIMENTO E MONTAGEM DO EQUIPAMENTO ELECTROMECÂNICO PARA A OBRA DE SANEAMENTO DAS POVOAÇÕES DE AL-CANTARILHA E PÉRA — ÁGUAS DOMÉSTICAS»

Para os fins convenientes se avisam os pretendentes interessados ao concurso de arrematação da empreitada dos trabalhos da obra em epígrafe, cujo acto público estava marcado para o próximo dia 17 de Fevereiro do corrente ano pelas 15 horas, que o mesmo ficou adiado para o dia 16 do próximo mês de Março à mesma hora na Praça da Liberdade em Faro.

Faro, 9 de Fevereiro de 1976

O Director,

Ruy M. Paula, Arqt.º

José Castel-Branco

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DO CORAÇÃO

CONSULTAS:

2.ª, 4.ª e 6.ª feiras, às 15 horas e 3.ª e 5.ª feiras, às 18 horas, na Rua Baptista Lopes, 24-1.º Dt.º em Faro

Telefone 26164

FUSETA

Vendem-se armazéns na Rua Virgílio Inglês, 26 e Largo do Mercado.

Trata: José Lã — telef. 93333.

Gabinete Técnico

Projectos de instalações eléctricas e postos de transformação.

Engenheiro especializado.

Telefone 23962 (FARO).

Casinos do Algarve

programa até 25 de Fev.

<p>o espectacular RICKY MAY</p> <p>o ventríloquo GIGI FREDIANI & PARTNER</p> <p>o ballet THE YVAN LEE DANGERS o Conjunto do Casino</p> <p>ALVOR</p> <p>BEATRIZ DA CONCEIÇÃO com Luis Moreira à guitarra e Armando Silva à viola</p> <p>fadados</p>	<p>o sensacional duo PETER & MARY MANSON o ilusionista português</p> <p>JOFERK</p> <p>THE CASINO BALLET ("G.A. Productions")</p> <p>o Conjunto do Casino VILAMOURA</p> <p>CARLOS ZEL com Adelino dos Santos à guitarra e Orlando Silva à viola</p> <p>fadados</p>	<p>a cançonista inglesa LIZA MARTIN</p> <p>o fantasma francês YUKI ET LE SERGENT DUPONT</p> <p>o ballet THE GERRY ATKINS SHOW o Conjunto do Casino</p> <p>M.º GORDO</p> <p>DEOLINDA RODRIGUES com Ferrnando de Sousa à guitarra e Waldemar Ramos à viola</p> <p>fadados</p>
---	--	--

ALVOR-TEL. (0-082) 2 31 41

VILAMOURA-TEL. (0-089) 6 53 19/86

MONTE GORDO-TEL. (0-081) 4 22 24

AS 23H30M-SHOWS P/MAIORES DE 13 ANOS. AS 01H30M FADOS
Sala de máquinas-acesso a maiores de 21 anos-Sala de jogos-diariamente das 17h. às 3h.

Actualidades desportivas

FUTEBOL Campeonatos Nacionais

I DIVISÃO

Pesada punição sofreu o Farense na sua deslocação a Coimbra. Tanto mais pesada quanto, para além dos dois pontos perdidos, representa uma dupla derrota. Isto porque contra um dos do seu campeonato, num jogo que era de verdadeira angústia para os dois contendores, a turma algarvia se deixou superar pelos estudantes já que, aos três golos de vantagem que alcançara em Faro viu agora o saldo pender para os seus antagonistas, motivado pelos 4-0. Para já, diga-se que a vitória dos visitados foi inteiramente merecida. Surpresa pode acontecer para quem não esteve no Municipal de Coimbra, mas o «score» premeia a turma que mantendo uma defesa coesa e suficiente para anular o escasso poder ofensivo dos homens de Faro, se lançou a «artilhar» a baliza de José Armando.

O Farense pode argumentar que jogou pelo jogo com dez unidades, já que a lesão de Chico Zé, quando estavam esgotadas as substituições, o afastou do terreno. Mas então sim a turma ainda procurou o golo que não se marca sem remate, e imaginação e capacidade.

E no domingo? A situação é francamente difícil e o adversário chama-se Os Belenenses. A vitória encheria de verde o palpitante dos prosélitos dos primodivisionários algarvios. Mas difícil, muito difícil, sem dúvida nem pessimismo, apenas realisticamente.

Comentários por João Leal

II DIVISÃO

E aí temos de novo o Portimonense como guia isolado da zona Sul. Ganhou nesta jornada em dois terrenos, pois ao êxito obtido no velho Campo de Portimão, «cheio que nem ovos» e a concretizar todo o interesse suscitado pela partida, aliou-se o desaire sofrido pelo Montijo em Sesimbra. Houve vontade e querer dos barlaventinos que, mormente no 2.º tempo, com a entrada de Airton, imprimiram um mais acutilante sentido ao seu ataque.

O golo obtido por Hilton, quando iam decorridos 54 minutos, credenciou uma merecida, apetecida e justificada vitória. Houve luta viril mas entusiasta e o espectador não saiu desiludido. Eis o Portimonense no topo da tabela, invicto em casa e apostado em «ou agora ou nunca!»

No domingo, vai deabalada até Portalegre, para defrontar o Estrela. Se é certo que cada encontro agora é uma final, não menos certo é que o guia pode continuar a ser guia.

Em Olhão, o nulo permaneceu. Faltou ao jogo o aliciante do golo, já que o poder concretizador andou arredio das formações. A despeito do domínio exercido, o Olhanense não conseguiu traduzir essa vantagem pois um «goleador» continua a ser peça desejada e necessária na equipa.

O Esperança foi a Montemor-o-Novo buscar um ponto, revelando-se sempre turma com mais sentido de futebol adulto. Contrariou a azougueira do União Sport e contra-atacou com discernimento e perigo.

III DIVISÃO

Apenas o Sambrazense, e por sinal no seu reduto, perdeu. Mais crítica a posição da turma algarvia, que esbanjou mais uma oportunidade de arrecadar os pontos de que bem necessita. O Quarteirense foi alcançado meritória vitória sobre o Rosarense, êxito de que bem podia ter aproveitado o onze de São Brás de Alportel.

Regular sem dúvida a carreira do onze de Quarteira!

O Lusitano venceu com valia o Sacavenense, segundo classificado que se viu mais afastado do guia da zona D. Sem problemas e com muita regularidade também, a carreira dos vila-realenses.

JUNIORES

Robusto êxito do Farense sobre o Sesimbra, equipa sem dúvida mais rodada que os algarvios. Êxito que faz renascer as possibilidades de fuga à despromoção. Refira-se também o êxito obtido pelo São Luís em Portalegre, com a conquista de dois excelentes pontos bem necessários para a fuga à zona «quente».

Encontro das Cooperativas do Algarve em Faro

Decorre amanhã às 15 horas no Inatel, na Travessa Castilho, 35-2.º em Faro, um encontro das Cooperativas do Algarve que terá, salvo alteração a propor pela assembleia, a seguinte ordem de trabalhos: 1 — Sobre o movimento cooperativista nacional: a) retrospectiva, b) perspectiva (análise das interligações com o aparelho de Estado, suas dependências e ligação às organizações de moradores e trabalhadores. 2 — Organizações de base cooperativista e formas de organização superior — Unões e Federações. 3 — Coopfaro — União das Cooperativas do Algarve, a) sua origem, b) necessidade de operacionalidade, c) inscrição das cooperativas na União. 4 — Encontro Nacional das Cooperativas (a realizar em fins de Fevereiro), a) preparação da matéria a enviar ao Encontro Nacional, b) eleição dos delegados do Algarve.

«Chicotada psicológica» no Farense

A direcção do Sporting Clube Farense deliberou suspender o treinador Pedro Gomes das funções de responsável pelas equipas do clube. Como medida transitória de emergência, foi enderegado convite para uma tripla de jogadores, todos com o curso de treinadores, tomarem conta da orientação da turma. São eles: Assis, Almeida I e Manuel José.

BASQUETEBOL

Os Olhanenses (seniores masculinos), Portimonense (seniores femininos) e Faro e Benfica (juniores masculinos, sagraram-se campeões do Algarve.

Terminaram os campeonatos distritais organizados pela Associação de Basquetebol de Faro, verificando-se as seguintes classificações: Seniores masculinos: 1.º, Os Olhanenses, 20 pontos; 2.º, Farense, 17; 3.º, Olhanense, 16; 4.º, Faro e Benfica, 13; 5.º, Imortal, 12; 6.º, Ginásio, 11 pontos.

Seniores femininos: 1.º, Portimonense, 16 pontos; 2.º, Olhanense A, 14; 3.º, Faro e Benfica, 12; 4.º, Olhanense B, 10; 5.º, Os Bonjoanenses, 8 pontos.

Juniores masculinos: 1.º, Faro e Benfica, 16 pontos; 2.º, Farense, 14; 3.º, Olhanense, 11; 4.º, Portimonense, 9; 5.º, Os Olhanenses, 9 pontos.

Todas as equipas que conquistaram títulos distritais realizaram campeonatos sem derrotas.

Reforma agrária em Odeceixe

Para elucidação de pontos ligados com a reforma agrária, associativismo rural e crédito agrícola, o Núcleo de Lagos do Centro Regional da Reforma Agrária promoveu em Odeceixe uma sessão de esclarecimento.

Integra-se a mesma numa série de realizações para um amplo esclarecimento dos objectivos da reforma agrária.

Actividades da Associação de Barmen de Portugal

A Delegação do Algarve da Associação de Barmen de Portugal, proporcionando um mais activo convívio entre os seus associados tem em organização torneios de dardos, e de pesca desportiva. Este último decorrerá na zona de Sagres, dos mais ricos pesqueiros da Europa.

Promoveu também um torneio de ténis de mesa que teve a participação de 39 profissionais, agrupados em três zonas. Foram vencedores zonais A. José Saleiro (Centro, do Touring Club), Joaquim Luís Oliveira (Sotavento, do Hotel dos Navegadores) e Rui de Almeida (Barlavento, do Hotel Alvor Praia). Na final, disputada no Clube de Golfe de Vilamoura, foi vencedor Rui de Almeida, que recebeu a taça «Associação Barmen de Portugal». Foi árbitro Hermínio Pacheco, grande conhecedor da modalidade e campeão de Angola em 1970. Os troféus em disputa foram entregues no decurso de um lanche no Club de Golfe de Vilamoura, oferecido pela direcção deste estabelecimento.

Seminário sobre hotelaria em Faro

No âmbito do programa de apoio da O. C. D. E. a Portugal encontra-se em Faro, orientando um seminário sobre hotelaria, o técnico daquela organização internacional sr. Daniel Anthamatten, director do Hotel Royal, de Genebra. O seminário, que se reveste do maior interesse para os profissionais do sector, é organizado pelo Centro Nacional de Formação Turística e Hotelaria e Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve, encerrando amanhã, nas instalações daquela Escola. O tema versado é a «Racionalização e mecanização dos serviços de Hotelaria», com incidência especial sobre os sectores de cozinha, restaurante, lavanderia, recepção, andares e portaria.

Confraternização de profissionais de turismo em Albufeira

Decorreu na Aldeia das Açoteias (Albufeira) com organização de elementos que trabalham na Hotelaria, uma confraternização de profissionais de turismo residentes no Algarve (cerca de 50 empregados), de agências de viagens, Comissão Regional de Turismo, Rent-a-Car, TAP, Escola de Hotelaria, etc.

Plenário de trabalhadores em Paderne

Em plenário dos trabalhadores da Casa Agrícola da Boavista e Madalena, foi decidido por estes, por dezoito votos a favor e três contra, restituir as propriedades desta casa agrícola ao seu proprietário, sr. António Libânio Correia, dando por terminada uma ocupação que se verificava desde Março de 1975.

Um «Camberra» da R.A.F. aterrou em Faro

Devido às condições atmosféricas, que levaram ao encerramento do Aeroporto de Gibraltar, desviou a sua rota para Faro um avião «Camberra» da Royal Air Force, procedente de Londres. Após se reabastecer, continuou a viagem no dia seguinte, para aquela possessão inglesa.

Cruz Barata

ADVOGADO

Escritório: R. Teófilo Braga, 72

Telefone 19

VILA REAL STO. ANTONIO

Teatro no Montenegro (Faro)

Com as peças «A tasca», de Ferradeira de Brito e «A farsa do advogado Pathélin», o Grupo Cénico do Clube Desportivo do Montenegro, na populosa zona do mesmo nome, nos arredores da capital algarvia, realizou dois espectáculos, na penúltima semana, que tiveram numerosa e interessada assistência.

JORNAL DO ALGARVE
N.º 987 — 20-2-976

TRIBUNAL JUDICIAL DA
COMARCA DE VILA REAL
DE SANTO ANTONIO

Anúncio

1.ª PUBLICAÇÃO

Faz-se saber que na Acção com Proc. Sumário n.º 65/75, pendente neste Tribunal Judicial de Vila Real de Santo António, movida pelo autor — Banco Fernandes Magalhães, SARL, com sede no Porto, contra os Réus JOAQUIM DE OLIVEIRA PALHA, residente na Aldeia Turística do Monte Fino, desta comarca, actualmente em parte incerta e outra, é o referido réu CITADO para contestar, querendo, apresentando a sua defesa no prazo de 10 dias que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada da data da última publicação do presente anúncio, sob a cominação de, não contestando, ser condenado, solidariamente, com a outra ré, no pedido que o Autor deduz na dita acção e que consiste em ter emprestado a quantia de 55 000\$00, representada por letra comercial, com vencimento em 1-7-75, sem que os réus tivessem pago até hoje, assim como os juros respectivos e já vencidos, e outras despesas, no total de 1 338\$50, com custas e procuradoria devidos.

Vila Real de Santo António, 9 de Fevereiro de 1976.

O Juiz de Direito, 1.º Subst.º,

a) *Maria Luísa Elvas Borges Soeiro*

O Escrivão,

a) *Américo G. Correia*

Caixa Nacional de Pensões

CAMPO GRANDE, 6 — LISBOA-5

AVISO

DISTRIBUIÇÃO DE FOGOS DO BAIRRO DE VILA

REAL DE SANTO ANTONIO

1 — Torna-se público que está aberto concurso pelo prazo de 30 dias, a partir de 2 de Fevereiro de 1976, para redistribuição dos fogos do Bairro de Habitações Sociais de Vila Real de Santo António, 1.ª e 2.ª fases, que venham a vagar nos dois anos de vigência do mesmo concurso.

2 — As rendas a considerar actualmente são as seguintes:

1.ª FASE		
Tipo	N.º de fogos	Rendas
III	—	450\$00
IV	—	550\$00
2.ª FASE		
III	—	850\$00 a)
IV	—	950\$00 a)

As rendas indicadas com a) são acrescidas de 100\$00 para não beneficiários.

3 — A classificação dos concorrentes far-se-á de harmonia com o «Regulamento para a atribuição de Habitações Sociais».

Dá-se preferência aos concorrentes beneficiários (ou casados com beneficiárias) de Caixas de Previdência.

4 — O concurso é válido pelo prazo de 2 anos.

5 — Os processos de habilitação ao concurso por parte dos beneficiários da Previdência devem ser entregues até ao dia 3 de Março de 1976, nas respectivas Instituições de Previdência.

6 — A área de influência do respectivo empreendimento circunscreve-se no concelho de Vila Real de Santo António.

7 — Todos os esclarecimentos podem ser prestados nos serviços da Caixa Nacional de Pensões — Av. António Serpa, 32-A — Lisboa, e na Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro.

Lisboa, 31 de Janeiro de 1976

A Comissão Administrativa



BUTAGAZ PROPAGAZ

Possuímos oficina e técnicos especializados em reparações de:

ESQUENTADORES, FOGÕES, FRIGORÍFICOS e TODA A GAMA DE ELECTRODOMÉSTICOS.

INSTALAÇÕES DE ÁGUA CORRENTE E ELECTRICIDADE.

MONTAGENS DE INSTALAÇÕES PARA GÁS BUTANO/PROPANO.

Aceitam-se trabalhos em todo o ALGARVE.

Consulte

FARAUTO
Limitada

Rua Dr. Cândido Guerreiro, 50
Telefone 23032/7 F A R O

Federação de Municípios do Distrito de Faro

(ELECTRICIDADE)

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA VENDA DE SUCATA DE FERRO FORJADO, SUCATA DE FERRO FUNDIDO, SUCATA DE LATÃO, SUCATA DE COBRE NU E CABO ARMADO INUTILIZADO

O Conselho de Administração da Federação de Municípios do Distrito de Faro, faz público que até às 16 horas do dia 11 de Março de 1976, se recebem propostas para venda de sucata nas quantidades aproximadas, a seguir discriminadas:

Lote 1 — Sucata de ferro forjado	6 000 Kgs.
Lote 2 — Sucata de ferro fundido	1 000 Kgs.
Lote 3 — Sucata de latão	70 Kgs.
Lote 4 — Sucata de cobre nu	150 Kgs.
Lote 5 — Sucata de cabo armado	1 550 Kgs.

As condições estão patentes na secretaria da Federação de Municípios do Distrito de Faro, onde podem ser consultadas todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

As propostas serão abertas no dia acima indicado, perante o conselho de administração em sua reunião, a realizar na sede da Federação situada no edifício dos Paços do Concelho de Faro.

Faro, 2 de Fevereiro de 1976

O Presidente do Conselho de Administração,

Joaquim Lopes Belchior



DACTIL

ESCOLA DE DACTILOGRAFIA

Alvará do Ministério da Educação Nacional

Direc. Téc. de Felisberto Correia

* Cursos Práticos de Dactilografia com Diploma

* Aprendizagem em Máquinas Eléctricas, Dictafones e Fotocopiadores

* Sistemas Modernos e Eficientes

Largo D. João II, 36-1.º — Telefone 23643 — PORTIMÃO

CAMPEONATOS NACIONAIS RESULTADOS DOS JOGOS

I DIVISÃO

Académico, 4 — Farense, 0

II DIVISÃO

Portimonense, 1 — Caldas, 0
Olhanense, 0 — Oriental, 0
União Sport, 1 — Esperança, 1

III DIVISÃO

Lusitano, 1 — Sacavenense, 0
Sambrazense, 1 — S. de Cacém, 2
Rosarense, 0 — Quarteirense, 1

JUNIORES

I Divisão
Farense, 3 — Sesimbra, 0
Portalegre, 2 — São Luís, 3

CAMPEONATOS DISTRITAIS I DIVISÃO

11 Esperanças, 1 — Campinense, 1
Moncarapa., 1 — Louletano, 3
Lagoa, 0 — Silves, 0
Torralta, 4 — Tavirense, 0
As. Quarteira, 0 — Marítimo, 5
Leões do Bairro, 1 — S. Luís, 0

JUNIORES

Esperança, 5 — Louletano, 2
Portimonense, 1 — Lusitano, 0
Lagoa, 0 — Olhanense, 1
Tavirense, 0 — Silves, 2

JUVENIS

(2.ª FASE)

Lusitano, 1 — Farense, 0
Portimonense, 2 — Louletano, 1

INICIADOS

(2.ª FASE)

Farense, 0 — Fuseta, 0

CAMPEONATO DO INATEL

Sta. Luzia, 2 — S. Francisco, 2
Alvor, 2 — Ferreiras, 1
Penina, 7 — Touring, 0
Fiaal, 1 — Conceição, 0
Sé, 2 — Vilamoura, 0

CAMPEONATOS NACIONAIS JOGOS PARA DOMINGO:

I DIVISÃO

Farense-Belenenses

II DIVISÃO

Esperança-Santarém
Torriense-Olhanense
Portalegre-Portimonense

III DIVISÃO

Quarteirense-Sambrazense
Santiago-Lusitano

JUNIORES

I Divisão

São Luís-Benfica
Vit. Setúbal-Farense

CAMPEONATOS DISTRITAIS I DIVISÃO

Campinense-Leões do Bairro
Louletano-11 Esperanças
Silves-Moncarapachense
Tavirense-Lagoa
Marítimo-Torralta
São Luís-Assoc. Quarteira

JUNIORES

Lusitano-Louletano
Olhanense-Portimonense
Silves-Torralta
Tavirense-Esperança

JUVENIS

(2.ª FASE)

Portimonense-Lusitano
Farense-Louletano

INICIADOS

(2.ª FASE)

Silves-Farense
Fuseta-Lagoa

CAMPEONATO DO INATEL 1.ª CATEGORIAS

AMANHÃ

Ferreiras-Penina
Câmara de Faro-Sé
Vilamoura-Fiaal

Em Vila Real de Santo António, serralharia mecânica e fundição de ferro e metais, em funcionamento. Resposta a este jornal ao n.º 1 004.



... nique. Do conjunto de nylon com fecho-eclair, fazem parte um «Melão Doce» foi o «exótico» nome dado a este traje pelo figurinista que o idealizou, radicado em Mörlbach, perto de Mulpulöver branco, de algodão, um gorriño de malha com debrum de pele e luvas em napa, forradas e macias. Em todas as peças foi aplicada uma grande flor colorida, que lhes oferece certo tom de elegância. A nós, o modelo confidenciou que escolhera o traje para vir passar o Carnaval ao Algarve, ao que objectámos não haver por aqui neve, a não ser a das amendoeiras floridas, servindo, para a areia das praias, indumentária mais simples.

ACABE-SE COM DEMAGOGIAS E ARRANQUE-SE COM O INQUÉRITO O EX-PRESIDENTE DA CÂMARA DE ALCOUTIM RESPONDE AO CHEFE DO DISTRITO

Não interessa andar no diz tu, direi eu, quando está mais que provado que o pluralismo (?) de certa imprensa é para «inglês ver». Ultimamente, mais a partir de 25 de Novembro tem-se posto à prova o pseudo-pluralismo da informação, onde a desigualdade é descarada.

Sentindo-me praticamente marginalizado nesse campo, não me interessam polémicas, mas sim que se ponham os pontos nos ii.

Naturalmente que anseio que o actual governador civil de Faro, tome finalmente a coragem de exibir um inquérito imparcial e sério aos acontecimentos de 26-10-75, em relação aos quais me alcunha de «presidente assaltante» na celebríssima entrevista que em 29-12-75 concedeu ao grande matutino lisboeta que, como «bom pluralista»

esteve-se nas tintas para a minha resposta, a despeito de ter evocado a lei de imprensa.

Se, efectivamente, as acusações do sr. governador, correspondessem à verdade (não é o caso) não me sentiria afectado, uma vez que me confesso solidário com os ocupantes simbólicos do Governo Civil. Mas a verdade é que não passei de mera testemunha e que de algum modo se pode confundir como actual: o seu a seu dono e não quero honrarias que não mereci.

Já divulguei (com limites, claro) que quando entrei no Governo Civil, já a ocupação do mesmo se tinha consumado com muita antecedência.

A parte da entrevista que me visa, nem só é deturpada como põe em realce uma falsa acusação, ao dar-lhe um cunho categórico e sonante.

De resto, a actuação do sr. governador além de fantasiosa, prima por deplorável incorrecção, ao cometer flagrante atropelo às normas mais elementares, ao acusar caprichosamente e sem que se tenha feito um inquérito, o que nem lembra ao diabo (salvo seja). Por verdade que fosse, era incorrecto tal procedimento e o sr. governador como jurista ilustre, sabe-o bem.

O sr. governador teria sido correcto se: 1.º, exhibisse um inquérito imparcial; 2.º, concluído o mesmo, divulgava o resultado e sem ocultar o que quer que fosse.

Embora o sr. governador tenha procedido incorrectamente e com chocante desprezo pelos legítimos direitos alheios, e do que se não pode penitenciar, ainda deve pedir um inquérito, de modo a que a verdade seja aclarada e a mentira desmascarada.

Pessoalmente, estou interessado que se saiba: 1.º, a natureza da minha participação (?); 2.º, quem partiu? Aqui tenho uma palavra a dizer como testemunha ocular, acção à qual julgo resumir-se a minha participação! 3.º, como não há duas sem três: seria interessante poder confirmar as acusações do sr. governador.

Mas para que se não julgue que fujo com o «rabo à seringa», reafirmo o meu reconhecido apoio aos simbólicos ocupantes, que não sendo efectivo, foi afectivo. Sou o primeiro a lastimar ver-me forçado a reagir energicamente às acusações do sr. governador que já ocasionaram situações nefastas, quer a nível de cidadão, quer a profissional, na empresa onde trabalho. Quero, no entanto, afirmar que se fosse possível repetir o 26-10-75, procederia da mesma maneira. Quanto ao que se lhe acrescenta, são patranhas e tretas.

Fernando José Lopes Dias

BRISAS do GUADIANA

Casas, parques e jardins em Vila Real de Santo António

A CRÓNICA que há duas semanas inserimos nesta secção com o título «As casas (muitas) e os jardins (nenhuns) num amplo sector de Vila Real de Santo António», deu motivo a um esclarecimento do sr. Joaquim Baptista Pedro Correia, presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal, de que reproduzimos os elementos de maior interesse, para que deles tomessem conhecimento os nossos leitores.

Pelo sr. Joaquim Correia ficámos sabendo que na zona ainda livre, nas imediações do radiofarol, está projectada a construção de 108 fogos para os beneficiários das Casas de Previdência. Destes fogos, sessenta terão início muito em breve, ficando os restantes 48 para uma segunda fase, com data ainda não fixada.

Dado o número relativamente alto de beneficiários da Previdência já residentes naquela zona, e o acréscimo de habitações previstas para os mesmos, pensa-se construir ali, após prévia apreciação do assunto com as comissões de moradores, uma cantina e uma sala de convívio, cuja utilidade desnecessário se torna encarecer.

Na zona dos novos blocos da Previdência, serão ainda implantados dois espaços verdes, um deles destinado a parque infantil. Não se afigura aconselhável, pelo menos por enquanto, a implantação de novos jardins na vila, em face dos actos de vandalismo que constantemente se verificam nos actualmente ao dispor da população local, traduzidos em bancos quebrados, flores arrancadas, canteiros espezinhados, tudo isto evidenciando o mais completo desprezo pelo que, sendo de todos, muito contribui para embelazar a vila, ajudando a atrair visitantes.

Congratulando-nos com os melhoramentos em perspectiva, que ajudarão positivamente, a diminuir a crise de habitação em Vila Real de Santo António, não queremos deixar de referir uma ocorrência, relacionada com os actos de vandalismo antes apontados, que nos foi descrita por pessoa que a ela

assistiu e como nós sente os reflexos e prejuízos causados por esses actos.

No passeio do pequeno trecho que vai da saída da vila ao cruzamento para Castro Marim, já no sítio das Hortas, foram plantadas algumas árvores, para cuja defesa nos primeiros tempos de crescimento, se lhes construiu gradeamentos de madeira. Numa tarde recente, três jovens de cerca de 15/16 anos, que se dirigiam das Hortas para o centro da vila, acharam graça na destruição das grades e, à patada, que outro nome não é aqui de aplicar, foram-nas quebrando, uma a uma, à medida que caminhavam para o seu destino, em dar a mínima atenção às reprimendas do adulto que ao longo do percurso assistia ao acto.

E de lamentar que estes e outros rapazes (os que perdem tempo em tão condenáveis actos), possuídos, pelo menos, da instrução primária, que deveria dar-lhes uns rudimentos de civismo e de bom senso, não encontrem melhor forma de ocupar o tempo e as energias, dando tão tristes mostras de falta de discernimento e de educação.

J. M. P.

Voltou da digressão pela Alemanha o Rancho Folclórico da Fuseta

Regressou da Alemanha, onde actuou, a convite da Orion Raisen e do Centro Português de Turismo, nas cidades de Stuttgart, Frankfurt, Dusseldorf e Hamburgo, na promoção turística do Algarve, o Rancho Folclórico da Fuseta, que tem como orientador o sr. Otilio Correia Dourado.

À BEIRA DO GUADIANA...

O AMIGO Daniel é natural de Vila Real, desta, de Santo António. Viveu e labutou muitos anos no Ultramar, nomeadamente em Moçambique (ou foi em Angola?). Não foi em Timor nem Macau, que eu ali estive e nunca o vi por essas paragens. Bem, Também estive em Angola e em Moçambique, mas foi por pouco tempo. Pois, o Daniel, como muitos outros portugueses que no Ultramar viveram, tem muitas saudades dessas terras e das gentes que ali viviam. E para «matar saudades», como diz o vulgo, de vez em quando conta, a rir, uma anedota. Eis a última. Isto é, a mais recente.

Aparece nos jornais de Lourenço Marques um anúncio, em letras grandes: «Urgente: tendo inesperadamente falecido o gorila «Abu-Abu» que tanto prazer dava à petizada aos domingos à tarde, oferecemos 25 escudos (moçambicanos) por hora a quem, envergando a sua pele, o possa representar nessas tardes. Por favor, dirijam-se os interessados ao director do Jardim Zoológico de Lourenço Mar-

por Dom Carlos

ques». Mas ninguém respondeu ao anúncio. E já era domingo. De manhã, o Daniel, sentado à mesa do Café Nicola, na Praça Mouzinho de Albuquerque (agora renouada com o nome de Machel) vê um homem a cambalear, aproximando-se dele. Não, não pode ser! Se não é, parece. O Zé Aranha... em Lourenço Marques! Põe-se de pé, abre os braços e grita: «Olá! Então por cá?!» Diz o outro, apoiando-se numa cadeira de cana colonial: «Sim, mó, por cá... e esfomeado. Arrange-me aí uns 25 paus, que estou esfomeado desde que aqui cheguei... disseram-me que isto era um paraíso, mas ninguém me dá trabalho. O Daniel deu-lhe uma nota de 50, pois não sabia se o Zé Aranha estava a falar em escudos do Banco de Portugal ou de Moçambique... Entretanto, o Daniel fala ao conterrâneo acerca da vaga que havia no Jardim Zoológico: «Você sabe ler, pois não?» Ler, isso era para os ricos, responde o Aranha, mas escrever, isso já era outra coisa! Mas, porquê? O Daniel pega no jornal e lê, em voz alta, o anúncio. Bestial, logo depois de almoçar, ia o Zé Aranha ao Jardim Zoológico. E foi mesmo.

O director ficou encantado com a presença e apresentação do Zé Aranha. Este saiu do gabinete envergando a pele do defunto «Abu-Abu», pulando de tal maneira que quando chegou à árvore tradicional os meninos e as meninas batiam palmas e chilreavam, encantados: «Ai! «Abu-Abu! Nunca pulaste tão bem! Pula, pula!» Mais pulo para a esquerda, mais para a direita, o algarvio disfarçado descontrolou-se, coitado. E desequilibrando-se, caiu por cima da jaula do leão «Kanimambo» (conhecido como o mais feroz leão de África). A queda foi tal que a rede de ferro, já ferrugenta, não resistiu. E ali estava o desgraçado Zé Aranha, vestido de macaco, num frente-a-frente com o leão feroz! As criancinhas calaram-se. Silêncio mortal! A hora da verdade, pois. Encostado à rede, a tremer, o Zé Aranha aguarda a passagem para o estômago do leão. Este aproxima-se. Cada vez mais perto. Ai, mãe! Só faltam dez milímetros. Fechando os olhos, murmura o pobre vila-realense: «ai, se eu estivesse à beira do Guadiana!» A boca do leão está mesmo a desfiar a orelha direita do algarvio. Mas em vez de a comer aquele sussurra: «não tenhas medo, mó! estou aqui por 25 paus por hora!»

A "Sorte Grande"

N.º 48182

3000 — Contos

E o 2.º Prémio

N.º 12836

1000 Contos

vendidos a semana finda aos balcoões da

Casa da Sorte

JORNAL DO ALGARVE lê-se em todo o Algarve

TEMAS EM DEBATE

Os revolucionários da informação

O 25 de Novembro levou ao afastamento de alguns dos chamados «revolucionários» dos órgãos da informação. Durante meses, eles dividiram o país, excitaram os ânimos e, acima de tudo, procuraram servir determinadas ideologias políticas. Defendendo a ideia de que a informação deve ser revolucionária, escamotearam a verdade e deram aos portugueses uma imagem enganadora da situação e dos acontecimentos. E assim, nas próprias páginas dos jornais, defenderam o roubo da Rádio Renascença à Igreja e do «República» aos seus verdadeiros donos, assim como se fez a apologia das ocupações selvagens de terras e de habitações e da distribuição de armas aos civis.

O resultado viu-se e foi necessário apelar para a intervenção da força para fazer impor os princípios democráticos. De outro modo, seguindo a rampa inclinada em que já estávamos lançados, iríamos decerto parar a um tipo qualquer de ditadura chamado «progressista». Curioso: «informação revolucionária» e «ditadura progressista». Isto depois de uma «revolução de cravos».

Como iam longe as ideias utópicas de «verdade e democracia ao serviço do povo português», conforme se proclamara após o 25 de Abril! Parece já ter chegado a altura dos tais jornalistas «revolucionários» passarem a trabalhar nos jornais partidários que servem, principalmente quando tão facilmente esquecem o seu dever profissional. Os órgãos de informação estatizados onde muitos se albergavam, não podiam ser manipulados diariamente, como acontecia, ao abrigo daquilo a que se chamou ao interesse do povo.

Qual povo? Quantas pessoas? Quem definiu esse «interesse»? Eis algumas interrogações a pôr aos profissionais da informação deste país. — M. B.